

Aves da Serra Bonita

Camacã - Sul da Bahia



Stricto Sensu Editora

CNPJ: 32.249.055/001-26

Prefixos Editorial: ISBN: 80261 – 86283 / DOI: 10.35170

Editora Geral: Profa. Dra. Naila Fernanda Sbsczk Pereira Meneguetti

Editor Científico: Prof. Dr. Dionatas Ulises de Oliveira Meneguetti

Bibliotecária: Tábata Nunes Tavares Bonin – CRB 11/935

Capa: Led Camargo

Avaliação: Foi realizada avaliação por pares

Instituto UIRAÇU

Presidente

Flávio Casas de Arcega

Conselho Consultivo

Luís Fábio Silveira

Conselho Administrativo

Vitor Osmar Becker

Luís Carlos de Souza Ferreira

Clemira Ordenez Souza

Coordenação

Flávia Lima Nascimento

Dejanira Fialho de Carvalho

Autores

- Dejanira Fialho de Carvalho – Mestre em Administração e Cientista Social, Diretora Executiva do Instituto Uiraçu.
- Flávia Lima Nascimento - Engenheira Ambiental, Coordenadora do Programa de Educação Ambiental do Instituto Uiraçu.
- Flávio Mariano Machado Mota - Mestre em Ciências Biológicas - Estudante de doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação da Biodiversidade.
- Juan Miguel Ruiz Ovalle - Mestre em Ecologia, Estudante de doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação da Biodiversidade.
- Marcelo dos Santos Souza - Graduando em Medicina Veterinária pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC.
- José Carlos Morante-Filho - Doutor em Ecologia e Conservação e Professor da Universidade Estadual de Santa Cruz e membro do Laboratório de Ecologia Aplicada a Conservação.

Revisão

- Luís Fábio Silveira - Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo e Coordenador de Pesquisa Científica da Serra Bonita.

Fotografias

- Doação de 170 fotos de 123 fotógrafos observadores de aves.
- As fotos da capa são dos fotógrafos: (i) Caio Brito - anambezinho (*Iodopleura pipra*); (ii) Carmem Lucia Figueiredo - tiê-sangue (*Ramphocelus bresilia*) e (iii) Allisson Cafeseiro - cambada-de-chaves (*Tangara brasiliensis*).



Crejoá (*Cotinga maculata*) - Foto: Ciro Albano.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A955

Aves da Serra Bonita, Camacã, Sul da Bahia / Dejanira Fialho de Carvalho ... [et al] (org.). – Rio Branco : Stricto Sensu, 2024.
113 p. : il.

ISBN: 978-65-80261-35-2

ISBN: 978-65-80261-34-5 (on-line)

DOI: 10.35170/ss.ed.9786580261345

1. Aves. 2. Mata Atlântica. 3. Preservação. 4. RPPNs.

I. Carvalho, Dejanira Fialho de. II. Nascimento, Flávia Lima. III. Mota, Flávio Mariano Machado. IV. Ovalle, Juan Miguel Ruiz. V. Souza, Marcelo dos Santos. VI. Morante-Filho, José Carlos. VII. Título. VIII. Instituto Uiraçu e do Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação da Biodiversidade da Universidade Estadual Santa Cruz (UESC).

CDD 22. ed. 598.918142

Bibliotecária Responsável: Tábata Nunes Tavares Bonin / CRB 11-935

O conteúdo dos capítulos do presente livro, correções e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

www.sseditora.com.br

Copyright ©Stricto Sensu Editora



Pica-pau-amarelo (*Celeus flavus*) - Foto: Emerson Kaseker.

Sumário

Este livro, "Aves da Serra Bonita", é uma evidência da importância do trabalho do Instituto Uiraçu, não só na perspectiva de pesquisadores, mas, principalmente, na visão daqueles que conhecem na prática, cuidam cotidianamente e ensinam a sociedade a amar o bioma Mata Atlântica.

Apresentação	8
1. Introdução	11
1.1. Corredor Central da Mata Atlântica	11
1.2. Sobre a Serra Bonita	12
1.3. Instituto Uiraçu	13
2. Sobre as Aves	14
2.1. A Avifauna e seu Papel	14
2.2. Avifauna da Mata Atlântica Brasileira	14
2.3. Avifauna da Serra Bonita	17
3. Observação de Aves	17
3.1. Um Lazer em Pleno Crescimento	17
3.2. Dicas para a Observação de Aves	18
3.3. Boas Práticas para a Observação de Aves	19
4. Caracterização das Aves	21
4.1. Lista das Espécies	23
4.2. Ficha Técnica das Aves	24
5. Referências	106

Apresentação

A inter-relação entre o ser humano e a natureza existe desde o surgimento do *Homo sapiens*. A sobrevivência humana depende, e sempre dependerá, dos serviços ecossistêmicos da natureza (alimento, água, oxigênio, abrigo, saúde etc.). É nesta inter-relação complexa que observamos a tensão e a agressão, sem precedentes, aos recursos da natureza no Brasil. O fascínio dos humanos pelas aves como araras, periquitos e papagaios, além de outros animais de grande beleza impulsionaram a venda e o tráfico de inúmeras espécies da fauna, principalmente de aves – uma prática nociva e crescente, de acordo com os dados periódicos de apreensões em escala mundial. No entanto, os estudos e a atividade de observação de aves na natureza têm promovido reversões neste quadro de degradação pelo tráfico de animais, mesmo que ainda em pequena escala, contribuindo de forma crescente e exponencial para a preservação dessas espécies.

A atividade de observação de aves se traduz numa relação direta de contato com a natureza, que prende a atenção humana para os detalhes e para a beleza das aves, tais como suas cores, suas vocalizações e os mais diversos malabarismos que provocam sensação de interação e de bem-estar físico e mental. As aves são muito especiais no mundo inteiro, especialmente pela capacidade de interação com os humanos, sendo retratadas em poesias como: “**Canção do Exílio**” do poeta Gonçalves Dias (“Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá, as aves, que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá”); a poesia de João do Vale e José Cândido, “**Carcará**”, eternizada por Maria Bethânia; e em pinturas como: a **Corujinha** de Albrecht Dürer (1506); o **Kingfisher** (martim-pescador) de Vincent van Gogh (1886); o **Cisne Ameaçado** de Jan Asselijn (1650); e a **Menina em um barco com gansos** de Berthe Morisot (1889).

É de fundamental importância influenciar positivamente crianças, jovens e a população em geral, especialmente as de Camacã, para que se sensibilizem e desenvolvam o sentimento de pertencimento ao habitat, despertem empatia pelas aves e pela natureza, e possam ser protagonistas da proteção e da defesa do bioma Mata Atlântica na região.

Tenho orgulho de fazer parte do Programa de Defesas de Ecossistemas do Instituto Uiraçu, que trabalha intensivamente para a expansão do habitat protegido na Serra Bonita e proteção das espécies silvestres endêmicas, raras e em perigo de extinção.

Não sou uma “observadora de aves” qualificada, tampouco ornitóloga, mas tenho gosto pela observação de aves e até consigo extrair boas imagens das joias emplumadas que aprecio. Tenho tido o privilégio de estar sempre perto dos pássaros nas minhas atividades de proteção da biodiversidade e do desenvolvimento sustentável. Isso me traz realização e me faz feliz!

Tive a oportunidade de observar espécies diversas de aves especiais na Fazenda Paris (Serra Bonita) tais como o crejóá (*Cotinga maculata*), o surucuá-de-barriga-amarela (*Trogon viridis*); o anambé-branco-de-rabo-preto (*Tityra cayana*); o Tucano-de-bico-preto (*Ramphastos vitellinus*); o surucuá-variado (*Trogon surrucura*); tiriba-de-testa-vermelha (*Aratinga auricapillus*), entre outras.

Espero que este livro estimule iniciativas locais de observação de aves e proteção da biodiversidade para que possamos almejar um futuro equitativo, justo e sustentável para todos.

Aproveite a leitura!
Dejanira Fialho de Carvalho
Diretora Executiva
Instituto Uiraçu



Gavião-real (*Harpia harpyja*) - Foto: Frederico Pereira.



Cigarrinha-do-sul (*Sporophila falcirostris*) - Foto: Mel Simas.

1. Introdução

1.1. Corredor Central da Mata Atlântica

O Ministério do Meio Ambiente (MMA), num esforço dedicado a garantir a conservação das poucas áreas que ainda sobram na Mata Atlântica, criou o Corredor Central da Mata Atlântica (CCMA), localizado entre os estados da Bahia e do Espírito Santo. Esta região inclui dois dos quatro centros de endemismo da Mata Atlântica, abrigando uma grande diversidade de espécies.

O CCMA tem mais de 8,5 milhões de hectares que abrange todo estado do Espírito Santo e parte do sul da Bahia. Nessa região ocorrem várias fitofisionomias de floresta ombrófila e semidecíduais, restingas e manguezais ao longo dos estuários. São 83 unidades de conservação (UCs). As unidades estaduais formam aproximadamente 10.118 hectares, as federais (16) totalizam 245.036 hectares e as reservas privadas, 11.145 hectares, incluindo as RPPNs do Instituto Uiraçu na Serra Bonita. Essas unidades protegidas são áreas privilegiadas para a construção de estratégias e políticas públicas que possam promover o restabelecimento e a manutenção da conectividade biológica.



Bico-de-pimenta (*Saltator fuliginosus*) – Foto: Luiz Carlos Veríssimo.

O CCMA possui mais de 50% das espécies de aves endêmicas do bioma e uma diversidade de aves excepcionalmente elevada pode ser avistada na Bahia. A Serra Bonita fica dentro de uma das áreas prioritárias do CCMA conhecida como Mini Corredor Lontras-Una-Baixão, que inclui várias áreas de proteção pública e privada.

1.2. A Serra Bonita

A área do Complexo Serra Bonita, localizado nos municípios de Camacã e Pau Brasil, sul da Bahia, foi escolhida para preservação e conservação pelos seguintes motivos: 1) está situada no bioma Mata Atlântica, uma das áreas de maior prioridade para conservação do planeta; 2) tem a maior parte da reserva coberta por floresta de montana; 3) é uma região ainda muito florestada, composta especialmente por florestas primárias; 4) possui acesso (estrada) e rede elétrica até topo da serra; e 5) possui terras improdutivas em topo de morro, com baixo valor comercial.

Além de sua extraordinária biodiversidade, a Serra Bonita tem papel fundamental na proteção de ecossistemas, especialmente os florestais. Os ecossistemas geram benefícios econômicos, culturais e sociais, como água limpa, oxigênio puro, polinização, frutos, solo fértil, redução de incêndios, beleza cênica, entre outros, que muitas vezes não são contabilizados pela sociedade.



Estrelinha Ametista (*Calliphlox amethystina*) – Foto: Leonardo Casadei.



1.3. Instituto Uiraçu

O Instituto Uiraçu, criado em 2001, é uma organização não-governamental com a missão de preservar, proteger, conservar e recuperar ecossistemas da Mata Atlântica, especialmente na Serra Bonita, localizada nos municípios de Camacã e Pau Brasil, no sul da Bahia. A sua principal função é consolidar o Complexo Serra Bonita (CSB), concebido para ter 5.500 hectares. Até o momento, as propriedades adquiridas pelo Instituto e seus parceiros, a Empresa Agroflorestal Camacã Preservação Ambiental Ltda. e a Empresa Reserva Serra Bonita Ltda. somam aproximadamente 3.200 ha de área protegida. O CSB é considerado uma iniciativa pioneira na proteção de florestas montanhosas nesta importante região da Mata Atlântica.

Através dos programas de defesa de ecossistemas, educação ambiental e pesquisa científica o Instituto Uiraçu tem trabalhado intensamente com medidas como a compra de terras, criação de Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs), fiscalização, monitoramento, pesquisa e construção de parcerias, com o objetivo de proteger o habitat e reduzir as ameaças a este pequeno remanescente de Mata Atlântica na região. Seus esforços nos últimos 22 anos têm contribuído significativamente para a diminuição das atividades predatórias e para o retorno e aumento populacional de várias espécies, como o caititu (*Pecari tajacu*), o veado mameiro (*Mazama americana*) e o macaco-prego-de-peito-amarelo (*Sapajus xanthosternos*). O aumento do número de mamíferos herbívoros também tem atraído animais carnívoros, como a onça parda (*Puma concolor*), o gavião-pegamacaco (*Spizaetus tyrannus*) e o gavião-pombo-grande (*Pseudastur polionotus*).

Araponga (*Procnias nudicollis*) - Foto: Carlos Hartur.



2. Sobre as Aves

2.1. A Avifauna e o seu Papel

As aves compõem o grupo de vertebrados mais conhecido e diverso da natureza e sobre o qual tem sido desenvolvida a maior quantidade de pesquisas científicas. Elas mantêm uma relação extremamente próxima com a cultura e o cotidiano do ser humano, e desempenham um papel fundamental na funcionalidade ecológica dos ecossistemas naturais. Além disso, oferecem diferentes tipos de serviços ecossistêmicos essenciais para a nossa sobrevivência, como a polinização de 6% das espécies de plantas consumidas pelo homem, a dispersão de até 90% das espécies de plantas existentes, o controle de pragas e doenças em plantações e a eliminação das carcaças e ossos de animais mortos. São os principais dispersores de sementes da floresta, ajudando na restauração de áreas degradadas, além de serem consideradas bons indicadores da qualidade ambiental e do nível de conservação de áreas naturais.

2.2. Avifauna da Mata Atlântica Brasileira

No Brasil, ocorrem 1.971 espécies de aves, das quais 293 são endêmicas do país, colocando-o em terceiro lugar entre os países com a maior taxa de endemismo de aves, de acordo com a lista de aves (2021) do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. Atualmente, a avifauna brasileira é composta por 1.742 residentes ou

Saí-verde (*Chlorophanes spiza*) – Foto: Lucas Araújo Silva.

migrantes reprodutivos, 126 visitantes não reprodutivos e 103 vagantes. A categoria de vagantes foi a que teve o maior aumento de registros (56%) em comparação com a lista anterior, devido à contribuição de observadores de aves na documentação de novas ocorrências no país nos últimos anos (zenodo.org/records/5138368#.YP8r4BNKgWp). Entre todos os biomas brasileiros a Mata Atlântica é o que possui o maior número de aves ameaçadas, tendo aproximadamente 45% de todas as espécies de aves ameaçadas no Brasil vivendo na Mata Atlântica (www.cbro.org.br).

A Mata Atlântica é um dos biomas mais ricos em biodiversidade do mundo, caracterizado por uma enorme variedade de espécies de plantas, animais e fungos. Sua extensão abrange uma grande parte do território brasileiro, desde o Nordeste até o Sul do país, atravessando 17 estados.

A vegetação exuberante da Mata Atlântica fornece uma abundância de recursos alimentares para as aves, incluindo uma grande variedade de frutas, sementes, insetos, néctar e outros alimentos. Ela é atravessada por uma série de rios, riachos e córregos, além de abrigar lagos, lagoas e nascentes, fornecendo recursos hídricos vitais para as aves, tanto para beber quanto para se banhar, especialmente durante períodos de seca. O clima tropical e subtropical, com suas temperaturas amenas e chuvas regulares ao longo do ano, cria condições climáticas propícias para a sobrevivência e reprodução das aves. A estrutura vertical da vegetação, com árvores de diferentes alturas, densidades e espécies, oferece uma variedade de micro-habitat para as aves, desde o dossel superior até o estrato arbustivo e o chão da floresta. Além disso, ela é interligada com outros biomas e habitats naturais, criando corredores ecológicos que permitem a movimentação e a dispersão das aves entre diferentes áreas.



Corrupião (*Icterus jamaicaei*) – Foto: Flavio Guglielmino.



Pintadinho (*Drymophila squamata*) – Foto: Eduardo Assis Fonseca.

Apesar de sua importância ecológica, a Mata Atlântica é um dos biomas mais ameaçados do planeta. A exploração madeireira, a expansão agrícola e a urbanização descontrolada têm contribuído para a perda significativa de sua cobertura original. Das florestas remanescentes, o sul do estado da Bahia ainda mantém uma das áreas de maior cobertura de vegetação original, mas também está entre as mais ameaçadas pelo desmatamento, devido à expansão da agricultura, ao crescimento urbano e a outras atividades humanas que impactam negativamente o meio ambiente.

2.3. Avifauna da Serra Bonita

Além dos diferentes tipos de florestas, a Serra Bonita é composta por remanescentes florestais ainda preservados e inseridos em uma paisagem agroflorestal constituída, principalmente, por culturas de cacau (conhecidas como cabruca pelo tipo de manejo), seringa e pastagens.

Até o momento, foram registradas 368 espécies de aves na reserva, o que representa 45% das espécies de aves registradas no estado da Bahia (<https://www.revistas.usp.br/paz/article/view/146553>). Destas, 13 espécies se encontram em alguma categoria de ameaça no Brasil e 16 espécies são globalmente vulneráveis ou estão em perigo. Além disso, na reserva são encontradas 62 espécies endêmicas da Mata Atlântica, 93 espécies exclusivas das zonas altas (florestas montana e submontana) e 61 espécies das áreas baixas (floresta úmida baixa).

3. A Observação de Aves

3.1. Um Lazer em Pleno Crescimento

A observação de aves é reconhecida como uma atividade de lazer de baixo impacto, que surgiu da convergência entre o interesse pela investigação científica e a estreita influência e o forte relacionamento de aves com o ser humano. Atualmente, é uma ferramenta muito importante para o desenvolvimento de estratégias de conservação de espécies e seus ambientes naturais, que podem inserir tanto aspectos socioeconômicos e de pesquisa quanto de educação ambiental. Além disso, a observação de aves tem fortalecido o vínculo entre a sociedade e a natureza mediante a ciência cidadã, e auxiliado no desenvolvimento de comunidades locais.



A observação de aves como lazer começou a ser desenvolvida na América do Norte e na Europa no final do século 19 e início do século 20 a partir de viagens de curta distância e, geralmente, no país de origem dos observadores. Depois da segunda guerra mundial e do surgimento de equipamentos como binóculos, câmeras fotográficas e livros especializados, a observação de aves virou uma atividade econômica. No Brasil, o interesse pela atividade iniciou entre as décadas de 70 e 80 com o surgimento de clubes de observadores de aves no Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo. Atualmente, estima-se que o número de observadores de aves no Brasil pode chegar à 15.000 pessoas.

3.2. Dicas para a Observação de Aves

É possível observar aves em qualquer lugar como jardins, áreas rurais ou também nas praças ou ruas das cidades. Essa é a vantagem das aves: são encontradas praticamente em todos os ambientes. Para começar, é recomendável observá-las durante seu período de maior atividade, principalmente de manhã, 15 minutos antes do nascer do sol até as 11 horas, e à tarde, uma ou duas horas antes do pôr do sol. Se estiver em uma trilha, é necessário caminhar devagar, ficar atento às movimentações, aos sons e às cores na vegetação. É sempre bom evitar falar alto e fazer movimentos bruscos pois isso pode afugentar as aves. Também é possível observar as silhuetas das aves se o local estiver com pouca luz ou se elas estiverem sobrevoando o local de observação. Essa conduta pode ajudar na identificação das espécies. Antes de começar esta atividade, é recomendado procurar listas de aves locais e regionais.

Assim, será possível realizar um *checklist* prévio das possíveis espécies que poderão ser observadas. Também é recomendável realizar a atividade de observação em locais frequentados pelas aves, como clareiras, bordas de florestas, alagados e áreas com disponibilidade de recursos, como flores e frutos.

Choquinha-chumbo (*Dysithamnus plumbeus*) – Foto: Gabriel Scaldafarro Bonfa.

3.3. Boas Práticas para a Observação de Aves

É essencial lembrar que durante a observação de aves, devemos respeitar o espaço das espécies, evitando invadir locais de descanso, dormitórios ou locais de nidificação. Para aves noturnas, é importante realizar a observação em trilhas bem-sinalizadas, mantendo absoluto silêncio para não perturbar as aves diurnas que estão descansando. Além disso, devemos minimizar o uso de lanternas e evitar o uso excessivo do flash da câmera, pois isso pode afetar a visão das aves e dificultar sua busca por presas.

O uso de vocalizações gravadas ou "playback" para atrair as aves também deve ser feito com parcimônia, pois o uso excessivo pode interferir no comportamento e na reprodução das aves.

É fundamental agir com responsabilidade e respeito durante a observação de aves, garantindo que nossa presença não cause impactos negativos nas espécies que estamos tentando apreciar.

Para a observação de aves, é recomendável usar roupas pouco chamativas, de preferência camufladas, e formar grupos pequenos, com um máximo de 8 pessoas. Se possível, é indicado utilizar binóculos que possuam uma capacidade de aumento de 7 a 10 vezes. Para iniciantes, os binóculos de 7 vezes de aumento são recomendados, pois proporcionam uma melhor perspectiva do contexto da ave observada. Por outro lado, para observadores experientes, os binóculos de 10 vezes oferecem mais detalhes das características das aves. No entanto, a atividade pode ser praticada mesmo sem o uso de binóculos.



Borboletinha-baiana (*Phylloscartes beckeri*) – Foto: Jordalton Silva Oliveira.



Tucano-de-bico-preto (*Ramphastos vitellinus*) – Foto: Leonardo Casadei.

Durante a observação, é útil registrar as informações em uma caderneta, incluindo a data, o horário, o nome do local, as características do ambiente, as características morfológicas e o comportamento da ave observada ao longo do percurso.

4. Caracterização das Aves

Este livro reúne uma amostra da rica avifauna observada na Serra Bonita. A Serra Bonita é considerada uma área de fundamental importância para a conservação da biodiversidade, além de ser um ambiente chave para os amantes da observação de aves. Neste livro constam informações sobre 78 espécies de aves, que podem ser observadas não somente na Serra Bonita, mas também nos remanescentes florestais do entorno. A nomenclatura e a ordem taxonômica adotadas seguem o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO, 2021).

A seleção das espécies foi realizada com base em três critérios distintos. Primeiramente, identificamos as espécies mais procuradas pelos observadores, utilizando uma lista compilada por Ciro Albano para orientar nossa seleção. Em seguida, priorizamos a inclusão de espécies ameaçadas que ainda podem ser avistadas na Serra Bonita, visando contribuir para a conscientização sobre a conservação dessas aves. Por último, consideramos a beleza das aves, utilizando a percepção dos autores do livro como guia para a seleção. Ao integrar esses critérios, buscamos oferecer uma seleção diversificada e representativa das aves da região.

O Instituto Uiraçu utilizará este livro como uma ferramenta em suas atividades educativas junto à comunidade local, pesquisadores e observadores de aves. Além disso, o livro será utilizado para promover o programa e divulgar o trabalho realizado pelo Instituto, tanto para parceiros e financiadores quanto para a sociedade em geral. Esta publicação não terá fins comerciais.



Foram utilizadas fotografias das espécies que compõem este livro e dois QR codes para cada espécie para que informações mais detalhadas possam ser acessadas no site Wikiaves (www.wikiaves.com.br). As fotografias que ilustram todo o livro foram gentilmente cedidas por diversos observadores de aves que passaram pela Serra Bonita e por outras áreas de observação de aves do Brasil.

Baseada na premissa de que é preciso conhecer para preservar, esta obra busca divulgar e popularizar o conhecimento da avifauna desta importante região da Mata Atlântica brasileira e despertar no leitor a admiração pelas aves, o interesse pela observação e, especialmente, o desejo de preservar a biodiversidade. Portanto, esse livro não é direcionado apenas a pesquisadores e observadores de aves, mas a todos aqueles interessados em conhecer um pouco da nossa avifauna, em particular as belas aves da Serra Bonita.

Cuiu-cuiu (*Pionopsitta pileata*) – Foto: Fabiane Marchisini.

4.1. Lista das Espécies

As 170 fotografias (78 espécies) que ilustram todo o livro foram coletadas em diversas regiões do Brasil, mas todas as espécies podem ser observadas na Serra Bonita e no seu entorno.

É importante ressaltar que esta lista é apenas das aves contempladas neste livro. A última versão da lista completa de aves da Serra Bonita pode ser acessada no site do Instituto Uiraçu (www.uiracu.org).

Pioxó (*Sporophila frontalis*) – Foto: Solon Souza.

NOME CIENTIFICO	NOME EM PORTUGUÊS	NOME EM INGLÊS	GRAU DE AMEAÇA
<i>Ortalis araucuan</i>	aracuã-de-barriga-branca	East Brazilian Chachalaca	Pouco preocupante
<i>Odontophorus capueira</i>	uru	Spot-winged Wood-Quail	Pouco preocupante
<i>Patagioenas plumbea</i>	pomba-amargosa	Plumbeous Pigeon	Pouco preocupante
<i>Coccyzus euleri</i>	papa-lagarta-de-euler	Pearly-breasted Cuckoo	Pouco preocupante
<i>Nyctibius aethereus</i>	mãe-da-lua-parda	Long-tailed Potoo	Pouco preocupante
<i>Glaucis dohrnii</i>	balança-rabo-canela	Hook-billed Hermit	Vulnerável
<i>Discosura langsdorffi</i>	rabo-de-espinho	Black-bellied Thorntail	Pouco preocupante
<i>Lophornis magnificus</i>	topetinho-vermelho	Frilled Coquette	Pouco preocupante
<i>Calliphlox amethystina</i>	estrelinha-ametista	Amethyst Woodstar	Pouco preocupante
<i>Sarcoramphus papa</i>	urubu-rei	King Vulture	Pouco preocupante
<i>Harpia harpyja</i>	gavião-real	Harpy Eagle	Vulnerável
<i>Spizaetus melanoleucus</i>	gavião-pato	Black-and-white Hawk-Eagle	Pouco preocupante
<i>Pseudastur polionotus</i>	gavião-pombo-grande	Mantled Hawk	Quase ameaçada
<i>Megascops atricapilla</i>	corujinha-sapo	Black-capped Screech-Owl	Pouco preocupante
<i>Pulsatrix perspicillata</i>	murucututu	Spectacled Owl	Pouco preocupante
<i>Glaucidium minutissimum</i>	caburé-miudinho	Least Pygmy-Owl	Pouco preocupante
<i>Trogon viridis</i>	surucuá-de-barriga-amarela	Green-backed Trogon	Pouco preocupante
<i>Megaceryle torquata</i>	martim-pescador-grande	Ringed Kingfisher	Pouco preocupante
<i>Monasa morphoeus</i>	chora-chuva-de-cara-branca	White-fronted Nunbird	Pouco preocupante
<i>Malacoptila striata</i>	barbudo-rajado	Crescent-chested Puffbird	Pouco preocupante
<i>Notharchus swainsoni</i>	macuru-de-barriga-castanha	Buff-bellied Puffbird	Pouco preocupante
<i>Ramphastos vitellinus</i>	tucano-de-bico-preto	Channel-billed Toucan	Pouco preocupante
<i>Pteroglossus bailloni</i>	araçari-banana	Saffron Toucanet	Quase ameaçada
<i>Ceelus flavus</i>	pica-pau-amarelo	Cream-colored Woodpecker	Pouco preocupante
<i>Piculus polyzonus</i>	pica-pau-dourado-grande	Atlantic Woodpecker	Em perigo
<i>Herpetotheres cachimans</i>	acauã	Laughing Falcon	Pouco preocupante
<i>Touit melanonotus</i>	apuim-de-costas-pretas	Brown-backed Parrotlet	Quase ameaçada
<i>Touit surdus</i>	apuim-de-cauda-amarela	Golden-tailed Parrotlet	Vulnerável
<i>Pionopsitta pileata</i>	cuiu-cuiu	Red-capped Parrot	Pouco preocupante
<i>Amazona rhodocorytha</i>	chauá	Red-browed Parrot	Vulnerável
<i>Pyrrhura cruentata</i>	tiriba-grande	Blue throated parakeet	Vulnerável
<i>Pyrrhura leucotis</i>	tiriba-de-orelha-branca	Maroon-faced Parakeet	Vulnerável
<i>Aratinga auricapillus</i>	jandaia-de-testa-vermelha	Golden-capped Parakeet	Pouco preocupante
<i>Myrmotherula minor</i>	choquinha-pequena	Salvadori's Antwren	Vulnerável
<i>Dysithamnus plumbeus</i>	choquinha-chumbo	Plumbeous Antwren	Vulnerável
<i>Mackenziaena severa</i>	borralhara	Tufted Antshrike	Pouco preocupante
<i>Drymophila ferruginea</i>	ditui	Ferruginous Antbird	Pouco preocupante
<i>Drymophila ochropyga</i>	choquinha-de-dorso-vermelho	Ochre-rumped Antbird	Quase ameaçada
<i>Drymophila squamata</i>	pintadinho	Scaled Antbird	Pouco preocupante

<i>Conopophaga lineata</i>	chupa-dente	Rufous Gnatcatcher	Pouco preocupante
<i>Grallaria varia</i>	tovacuçu	Variegated Antpitta	Pouco preocupante
<i>Formicarius colma</i>	galinha-do-mato	Rufous-capped Antthrush	Pouco preocupante
<i>Chamaeza meruloides</i>	tovaca-cantadora	Such's Antthrush	Pouco preocupante
<i>Lochmias nematura</i>	joão-porca	Sharp-tailed Streamcreeper	Pouco preocupante
<i>Acrobatornis fonsecai</i>	acrobata	Pink-legged Graveteiro	Vulnerável
<i>Thripophaga macroura</i>	rabo-amarelo	Striated Softtail	Vulnerável
<i>Synallaxis cinerea</i>	joão-baiano	Bahia Spinetail	Quase ameaçada
<i>Ilicura militaris</i>	tangarazinho	Pin-tailed Manakin	Pouco preocupante
<i>Machaeopterus regulus</i>	tangará-rajado	Striped Manakin	Pouco preocupante
<i>Phibalura flavirostris</i>	tesourinha-da-mata	Swallow-tailed Cotinga	Pouco preocupante
<i>Pyroderus scutatus</i>	pavó	Red-ruffed Fruitcrow	Pouco preocupante
<i>Lipaugus lanioides</i>	tropeiro-da-serra	Cinnamon-vented Piha	Quase ameaçada
<i>Procnias nudicollis</i>	araponga	Bare-throated Bellbird	Quase ameaçada
<i>Cotinga maculata</i>	crejoá	Banded Cotinga	Criticamente em perigo
<i>Xipholena atropurpurea</i>	anambé-de-asa-branca	White-winged Cotinga	Vulnerável
<i>Iodopleura pipra</i>	anambezinho	Buff-throated Purplethroat	Em perigo
<i>Tityra cayana</i>	anambé-branco-de-rabo-preto	Black-tailed Tityra	Pouco preocupante
<i>Phylloscartes beckeri</i>	borboletinha-baiana	Bahia Tyrannulet	Em perigo
<i>Todirostrum poliocephalum</i>	teque-teque	Gray-headed Tody-Flycatcher	Pouco preocupante
<i>Hemitriccus furcatus</i>	papa-moscas-estrela	Fork-tailed Pygmy-Tyrant	Vulnerável
<i>Ramphotrigon megalacephalum</i>	maria-cabeçuda	Large-headed Flatbill	Pouco preocupante
<i>Contopus cooperi</i>	piui-boreal	Olive-sided Flycatcher	Quase ameaçada
<i>Cichlopsis leucogenys</i>	sabiá-castanho	Rufous-brown Solitaire	Em perigo
<i>Chlorophonia cyanea</i>	gaturamo-bandeira	Blue-naped Chlorophonia	Pouco preocupante
<i>Euphonia violacea</i>	gaturamo-verdadeiro	Violaceous Euphonia	Pouco preocupante
<i>Euphonia pectoralis</i>	ferro-velho	Chestnut-bellied Euphonia	Pouco preocupante
<i>Icterus jamaicai</i>	corrupião	Campo Troupial	Pouco preocupante
<i>Chlorophanes spiza</i>	saí-verde	Green Honeycreeper	Pouco preocupante
<i>Hemithraupis ruficapilla</i>	saíra-ferrugem	Rufous-headed Tanager	Pouco preocupante
<i>Dacnis nigripes</i>	saí-de-pernas-pretas	Black-legged Dacnis	Quase ameaçada
<i>Dacnis cayana</i>	saí-azul	Blue Dacnis	Pouco preocupante
<i>Saltator fuliginosus</i>	bico-de-pimenta	Black-throated Grosbeak	Pouco preocupante
<i>Ramphocelus bresilia</i>	tiê-sangue	Brazilian Tanager	Pouco preocupante
<i>Sporophila frontalis</i>	pioxó	Buffy-fronted Seedeater	Vulnerável
<i>Sporophila falcirostris</i>	cigarrinha-do-sul	Temminck's Seedeater	Vulnerável
<i>Thraupis cyanopectus</i>	sanhaço-do-encontro-azul	Azure-shouldered Tanager	Quase ameaçada
<i>Tangara seledon</i>	saíra-sete-cores	Green-headed Tanager	Pouco preocupante
<i>Tangara brasiliensis</i>	cambada-de-chaves	White-bellied Tanager	Pouco preocupante



Barbudo-rajado (*Malacoptila striata*) – Foto: Vital Teixeira.

Aracuã-de-barriga-branca - *Ortalis araucuan*



Foto: Clênia Luna

Ordem
Galliformes

Família
Cracidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O aracuã-de-barriga-branca é endêmico do Brasil. Seu comprimento é de aproximadamente 50 centímetros e pesa cerca de 500 gramas. Alimenta-se de frutas, flores e folhas. Pode ser avistado no dossel de florestas em grupos pequenos com menos de 8 indivíduos e, ocasionalmente, desce ao solo. O ninho tem forma de tigela e é construído acima das árvores com folhas secas e gravetos. Ocorre em florestas primárias e secundárias da Mata Atlântica e em áreas da Caatinga. Sua distribuição estende-se do Rio Grande do Norte até os estados de Minas Gerais e Espírito Santo.



Foto: Nira Fialho

Mais informações



Vocalização



Uru - *Odontophorus capueira*



Foto: Ciro Albano

Ordem
Galliformes

Família
Odontophoridae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O uru tem um comprimento total que varia de 24 a 30 centímetros e pesa entre 396 e 457 gramas. Alimenta-se de frutas, sementes e insetos. É encontrado no solo em bandos que podem chegar a mais de 15 indivíduos. Defende o território de outros grupos. O período reprodutivo ocorre entre agosto e fevereiro. O ninho fica no solo e podem colocar mais de 12 ovos. A incubação dura 18 dias. Pode ser observado especialmente em áreas de floresta secundária, florestas de tabuleiro, florestas de araucária e florestas secas. Sua distribuição estende-se em toda a área Leste do Brasil, do estado do Ceará ao estado do Rio Grande do Sul.

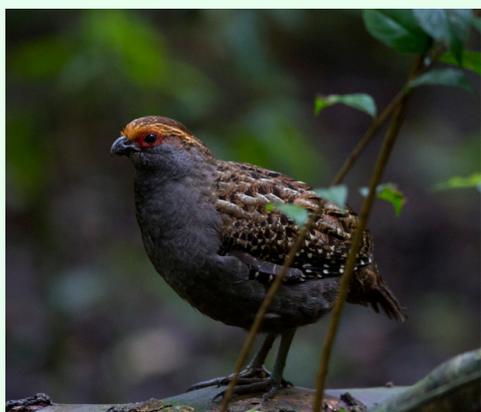


Foto: Constantino Melo

Mais informações



Vocalização



Pomba-amargosa - *Patagioenas plumbea*



Foto: Daniel Brazil

Ordem
Columbiformes

Família
Columbidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O comprimento total da pomba-amargosa é de aproximadamente 34 centímetros e pesa cerca de 230 gramas. Alimenta-se de frutas e sementes. Pode ser avistada sozinha, em pares ou em bandos em árvores frutíferas. Seu ninho é uma plataforma de gravetos construído sobre árvores. E encontrada na copa de florestas úmidas e bordas de florestas secundárias. Sua distribuição abrange a maioria dos estados brasileiros.



Foto: Marcelo Schmidt Roberti

Mais informações



Vocalização



Papa-lagarta-de-euler - *Coccyzus euleri*



Foto: Eugênio Oliveira

Ordem
Cuculiformes

Família
Cuculidae

Status de Conservação
Pouco preocupante



Foto: Carlos Grupilo

Mais informações



Vocalização



Urutau-pardo - *Nyctibius aethereus*

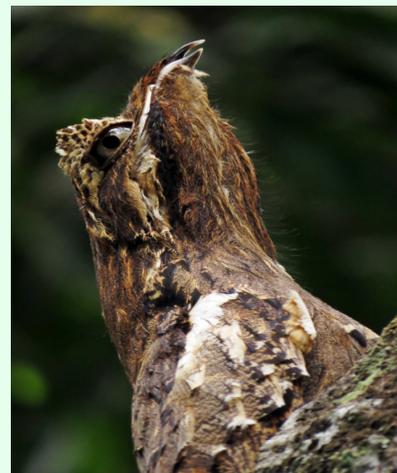


Foto: Tomaz Nascimento de Melo

Ordem
Nyctibiiformes

Família
Nyctibidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O comprimento da urutau-pardo varia de 46 a 58 centímetros e pesa entre 280 e 447 gramas. Alimenta-se de insetos. Normalmente é avistada sozinha. Coloca 1 ovo em buracos rasos de galhos e ambos os adultos participam da incubação. É encontrada no interior de florestas densas úmidas e, ocasionalmente, em locais abertos. Sua distribuição abrange a floresta Amazônica e os estados do Paraná, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Leste de Minas Gerais e Sul da Bahia.



Foto: Edson Guilherme

Mais informações



Vocalização



Balança-rabo-canela - *Glaucis dohrnii*



Ordem
Apodiformes

Família
Trochilidae

Status de Conservação
Vulnerável

Foto: Ademir Carletti

O balanço-rabo-canela é endêmico do Brasil. Seu comprimento varia entre 12 e 13 centímetros e pesa cerca de 06 gramas. Alimenta-se de néctar e pequenos artrópodes. O período reprodutivo ocorre entre setembro e fevereiro. O ninho é construído pela fêmea com raízes finas e fibras e tem formato alongado. Coloca 2 ovos que são incubados por 15 dias e os filhotes deixam o ninho após 27 dias. É uma espécie endêmica da Mata Atlântica, podendo ser avistada no interior de florestas primárias e bordas de florestas secundárias adjacentes. Sua distribuição é restrita ao Sul da Bahia e Norte do Espírito Santo.



Foto: Alexandre Carvalho

Mais informações



Vocalização



Rabo-de-espinho - *Discosura langsdorffi*



Ordem
Apodiformes

Família
Trochilidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

Foto: Saulo Gomes

O rabo-de-espinho é uma das menores espécies de beija-flores do Brasil. Seu comprimento varia de 7 a 12 centímetros e pesa cerca de 3 gramas. Alimenta-se principalmente do néctar das flores e de pequenos artrópodes. Normalmente é avistado sozinho. Coloca 2 ovos e a incubação é realizada apenas pela fêmea. Reproduz-se entre novembro e fevereiro e o período de incubação é de 13 dias. O ninho é construído em forma de taça e fica localizado a cerca de 10 metros do solo. Vive em carrascais, campos rupestres com vegetação arbustiva ou entre lajedos rochosos. Pode também ser observado nas bordas de florestas. Ocorre da Bahia ao Rio de Janeiro e na porção central da Amazônia.



Foto: Douglas Pinheiro

Mais informações



Vocalização



Topetinho-vermelho - *Lophornis magnificus*

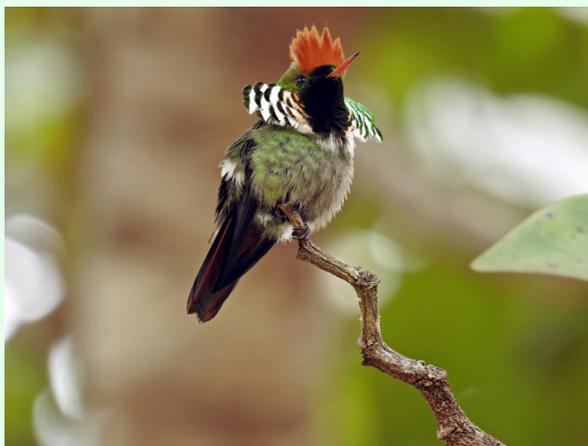


Foto: Ricardo Antônio de Andrade Plácido

Ordem
Apodiformes

Família
Trochilidae

Status de Conservação
Pouco Preocupante

O topetinho-vermelho é endêmico do Brasil. Seu comprimento é de 6,8 centímetros e pesa 3 gramas. Alimenta-se de néctar. O ninho tem formato de tigela rasa e é construído com material macio em um galho horizontal ou forquilha. Pode ser avistado em florestas secundárias e até mesmo em jardins bem floridos, mas prefere áreas semiabertas e bordas de florestas. Sua distribuição estende-se de Pernambuco ao Rio Grande do Sul, o estado de Tocantins e outros estados da região Centro-Oeste.



Foto: Lorenzo Palma

Mais informações



Vocalização



Estrelinha-ametista - *Calliphlox amethystina*



Foto: Luís Carlos Heringer

Ordem
Apodiformes

Família
Trochilidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O comprimento da estrelinha-ametista varia de 7,5 a 8,6 centímetros e pesa cerca de 3 gramas. Alimenta-se especialmente de néctar, podendo consumir também pequenos insetos. Geralmente, vive solitária. Seu ninho é pequeno, em formato de xícara, preso em grandes galhos de árvores isoladas nas bordas da floresta a cerca de 15 metros de altura. Faz postura de 2 ovos. A fêmea não possui a garganta ametista, o que é facilmente observado nos machos. Habita bordas de florestas altas, clareiras, áreas nativas na Caatinga e no Cerrado, podendo também ser observada em jardins. Ocorre em todo o território brasileiro.

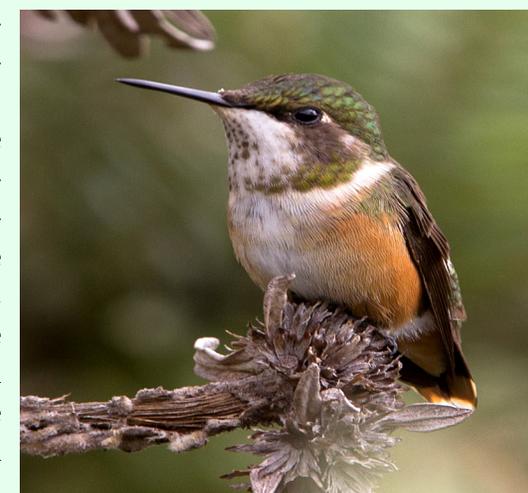


Foto: João Sergio Barros

Mais informações



Vocalização



Urubu-rei - *Sarcoramphus papa*



Foto: Odilon Simões Corrêa

Ordem
Cathartiformes

Família
Cathartidae

Status de Conservação
Pouco preocupante



Foto: Mario Candeias

Mais informações



Vocalização



Gavião-real - *Harpia harpyja*



Foto: Everton Miranda

Ordem
Accipitriformes

Família
Accipitridae

Status de Conservação
Vulnerável

A gavião-real é a maior ave de rapina brasileira. Seu comprimento varia de 90 e 105 centímetros e pesa entre 4 e 9 quilos. Alimenta-se de animais grandes, como preguiças, mutuns, macacos-prego e guaribas, filhotes de veados, araras-azuis, seriemas, tatus, cachorros-do-mato, iguanas e cobras. Pode ser avistada sozinha ou em pares na copa das árvores. O período reprodutivo ocorre entre setembro e novembro. O ninho é construído com pilhas de galhos no alto de árvores emergentes. Coloca 2 ovos e a incubação dura 52 dias. É encontrada em florestas primárias densas e florestas de galeria. No Brasil, apresenta ampla distribuição, porém, atualmente, pode ser observada especialmente na Amazônia ou em grandes blocos florestais da Mata Atlântica, Cerrado e Pantanal.



Foto: Jailson Souza

Mais informações



Vocalização



Gavião-pato - *Spizaetus melanoleucus*



Foto: Antônio Marcos Zenaro

Ordem
Accipitriformes

Família
Accipitridae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O comprimento do gavião-pato varia entre 51 e 61 centímetros e pesa entre 700 e 800 gramas. Alimenta-se de vertebrados como aves, répteis, anfíbios e pequenos mamíferos. Pode ser avistado sozinho ou em pares. Seu ninho é uma grande plataforma de galhos com até 1 metro de diâmetro, construído no alto de árvores emergentes. Coloca apenas 1 ovo, incubado pela fêmea, enquanto o macho fica responsável por trazer alimento para o ninho. É encontrado nas bordas de florestas primárias e em matas de galeria e no Cerrado. No Brasil, sua distribuição é ampla, ocorre em quase todos os estados.



Foto: Robson Czaban

Mais informações



Vocalização



Gavião-pombo-grande - *Pseudastur polionotus*



Foto: Belmira McLeod

Ordem
Accipitriformes

Família
Accipitridae

Status de Conservação
Quase ameaçada

O comprimento do gavião-pombo-grande varia de 48 a 53 centímetros e pesa cerca de 595 gramas. Alimentam-se de outras aves, répteis e pequenos mamíferos. Pode ser avistado sozinho ou em pares. O ninho é feito com galhos secos no alto das árvores. Ocorre em florestas primárias e secundárias, mas também pode ser observado em florestas bem alteradas e plantações. Sua distribuição estende-se de Pernambuco ao Rio Grande do Sul, passando por Minas Gerais.



Foto: Luiz Cavalcanti Dasmaceno

Mais informações



Vocalização



Corujinha-sapo - *Megascops atricapilla*



Foto: Rodrigo Conte

Ordem
Strigiformes

Família
Strigidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

A corujinha-sapo é uma espécie endêmica do Brasil. Seu comprimento varia de 23 a 24 centímetros e pesa entre 114 e 124 gramas. Ativa durante à noite, alimenta-se de insetos, artrópodes e pequenos vertebrados nas folhagens ou no solo. O período reprodutivo ocorre em outubro. Nidificam em ocos de árvores e ninhos abandonados onde coloca até 3 ovos. A incubação é realizada pela fêmea, que é alimentada pelo macho durante esse período. É encontrada principalmente no interior de florestas, mas pode ocorrer em bordas e áreas urbanas densamente florestadas. Sua distribuição abrange os estados do Sudeste e a maioria dos estados do Sul do Brasil. No Nordeste, a espécie pode ser observada no estado da Bahia.



Foto: Osmar Slompo

Mais informações



Vocalização



Murucututu - *Pulsatrix perspicillata*



Foto: Ricardo Antônio de Andrade Plácido

Ordem
Strigiformes

Família
Strigidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O comprimento do murucututu varia de 43 a 52 centímetros e pesa entre 550 e 1250 quilos. Ativo durante à noite, alimenta-se de pequenos mamíferos, aves, anfíbios, répteis, crustáceos e insetos. O período reprodutivo ocorre entre junho e dezembro. O ninho é construído em ocos de árvores ou buracos em paredes rochosos. Coloca 2 ovos cuja incubação dura entre 30 e 35 dias e é realizada pela fêmea. Os filhotes deixam o ninho entre 30 e 40 dias após a eclosão. É encontrado em ambientes florestados como floresta densa, floresta secundária e floresta de galeria. Sua distribuição estende-se ao longo do continente americano, sendo observado em quase todo o Brasil.



Foto: Ciro Albano

Mais informações



Vocalização



Caburé-miudinho - *Glaucidium minutissimum*



Foto: Ivan Cesar

Ordem
Strigiformes

Família
Strigidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O caburé-miudinho, uma das menores corujas, tem comprimento que varia entre 14 a 15 centímetros e pesa entre 44 e 53 gramas. Alimenta-se de insetos e pequenos vertebrados, como aves, lagartos e pererecas. Fazem a postura de 3 ovos geralmente postos em ocos de árvores, cavidades escavadas por pica-paus e até mesmo em cupinzeiros terrícolas. Pode ser observado especialmente em áreas florestadas. Sua distribuição estende-se da Bahia a Santa Catarina, incluindo Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul.



Foto: João Victor Cardoso Fernandes

Mais informações



Vocalização



Surucuá-de-barriga-amarela - *Trogon viridis*



Foto: Filipe Augusto Pasa Bernardi

Ordem
Trogoniformes

Família
Trogonidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O comprimento do surucuá-de-barriga-amarela é de cerca de 30 centímetros e pesa aproximadamente 93 gramas. Alimenta-se de frutas e insetos capturados no alto das árvores. No período de reprodução constrói seu ninho em cupinzeiros e buracos em árvores ou em ninhos abandonados de outras espécies. A altura do ninho fica a cerca de 10 a 20 metros acima do solo. Põe de 2 a 3 ovos. São muito comuns nas bordas e no interior de florestas altas e em florestas secundárias. Ocorre na Amazônia brasileira e em grande parte da Mata Atlântica, de Alagoas até Santa Catarina, incluindo Minas Gerais.



Foto: Nira Fialho

Mais informações



Vocalização



Martim-pescador-grande - *Megaceryle torquata*



Ordem
Coraciiformes

Família
Alcedinidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

Foto: Ênio Roberto D'Ávila

O comprimento do martim-pescador-grande varia entre 38 a 45 centímetros e pesa entre 305 a 341 gramas. Alimenta-se principalmente de peixes, mas sua dieta também inclui insetos, pequenos répteis, batráquios e caranguejos. É avistado sozinho e às vezes em pares. Empoleira-se em troncos, pedras e galhos altos, fios ou mourões à beira d'água. Faz ninhos em barrancos ou rochas e põe entre 2 e 6 ovos. Ambos os adultos cuidam dos ovos e dos filhotes. Pode ser encontrado próximo a rios, igara-pés, lagoas, açudes, manguezais e orlas marítimas – é comum encontrá-lo em rios caudalosos e lagoas grandes. Ocorre em todo o território brasileiro.



Foto: Ariane Seco

Mais informações



Vocalização



Chora-chuva-de-cara-branca - *Monasa morphoeus*



Ordem
Trogoniformes

Família
Trogonidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

Foto: Juha Honkala

O comprimento do chora-chuva-de-cara-branca varia entre 25 e 27,5 centímetros e pesa entre 90,5 e 122 gramas. Alimenta-se principalmente de artrópodes, frutas e pequenos anfíbios. Costuma ficar pousado no dossel da floresta e acompanhar bandos mistos. Constroem seu ninho em túneis escavados em barrancos e põem folhas e galhos no seu acesso. Põe de 2 e 3 ovos e os filhotes são cuidados por ambos os adultos. Habita o interior e as bordas de florestas. Ocorre especialmente na Amazônia e também na Bahia e no Espírito Santo.



Foto: Valdir Hobus

Mais informações



Vocalização



Barbudo-rajado - *Malacoptila striata*



Foto: Leonardo Casadei

Ordem
Galbuliformes

Família
Bucconidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O barbudo-rajado é uma espécie endêmica do Brasil. Seu comprimento é de 20 centímetros e pesa entre 41,5 e 46,5 gramas. Alimenta-se de artrópodes. Pode ser encontrado sozinho, em pares ou acompanhando bandos mistos. O ninho é escavado em solo acidentado ou barranco dando acesso a uma câmara incubatória forrada com um pouco de capim e folhas secas onde coloca até 3 ovos. Pode ser avistado no interior e nas bordas de florestas primárias e secundárias margeadas por capinzais altos, bambuzais e clareiras. Sua distribuição estende-se do Sul da Bahia a Minas Gerais e Santa Catarina.



Foto: Ian Thompson

Mais informações



Vocalização



Macuru-de-barriga-castanha - *Notharchus swainsoni*



Foto: João Castro

Ordem
Galbuliformes

Família
Bucconidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O comprimento do macuru-de-barriga-castanha é de aproximadamente 21 centímetros e pesa cerca de 60 gramas. Alimenta-se de artrópodes como besouros, escorpiões, cupins e abelhas. Pode ser avistado sozinho ou em pares. Os ninhos são escavados em cupinzeiros e o casal participa da incubação e do cuidado dos filhotes. É encontrado no dossel e nas bordas de florestas primárias e secundárias. Sua distribuição estende-se do Sul da Bahia até o noroeste do Rio Grande do Sul, incluindo o Oeste de Minas Gerais, Sul de Goiás e Sul do Mato Grosso do Sul.



Foto: Claudia Brasileiro

Mais informações



Vocalização



Tucano-de-bico-preto - *Ramphastos vitellinus*



Foto: Eduardo Maciel

Ordem
Piciformes

Família
Ramphastidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O tucano-de-bico-preto tem comprimento que varia de 46 a 48 centímetros e pesa entre 315 e 430 gramas. Alimenta-se de frutas, pequenos mamíferos, insetos, aranhas, anfíbios, ovos e filhotes de outras aves. O período reprodutivo ocorre entre março e maio. Os ninhos ficam em ocos de árvores, onde põe até 4 ovos cuja incubação dura de 14 a 18 dias. Os filhotes deixam o ninho após 38 e 43 dias. É encontrado no interior e nas bordas de florestas, podendo também ser observado em florestas secundárias. Sua distribuição abrange quase todos os estados brasileiros e outros países da América do Sul.



Foto: Jordalton Oliveira

Mais informações



Vocalização



Araçari-banana - *Pteroglossus bailloni*



Foto: Ivan Sazima

Ordem
Piciformes

Família
Ramphastidae

Status de Conservação
Quase ameaçada

O araçari-banana é uma espécie endêmica do Brasil. Seu comprimento varia de 35 a 37 centímetros e pesa entre 130 e 169 gramas. Alimenta-se de frutas, insetos, ovos e filhotes de outras aves. Pode ser avistado em pequenos grupos de até 7 indivíduos. Constrói o ninho em cavidades, ocos de árvores e em cupinzeiros. Coloca até 4 ovos com incubação média de 16 dias. Observado em áreas florestadas, especialmente de regiões montanhosas. Sua distribuição estende-se da Bahia até o Rio Grande do Sul.



Foto: Luiz Carlos da Costa Ribenboim

Mais informações



Vocalização



Pica-pau-amarelo - *Celeus flavus*



Foto: Leonardo Peres da Silva

Ordem
Piciformes

Família
Picidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O pica-pau-amarelo mede entre 24 a 28 centímetros e pesa aproximadamente 201 gramas. Alimenta-se de larvas, insetos, formigas capturadas nos troncos de árvores e cupins de cupinzeiros arborícolas. Às vezes desce ao solo para apanhar insetos. Eventualmente alimenta-se também de frutas. O período reprodutivo ocorre entre abril e junho e seu ninho é escavado em ocos de árvores. É encontrado sozinho ou em bandos de até 6 indivíduos dispersos em florestas, manguezais e pântanos. Geralmente é avistado em estratos médios ou superiores da vegetação. Ocorre em diversos estados brasileiros, especialmente na região Amazônica. Na Mata Atlântica pode ser avistado no Espírito Santo e na Bahia.

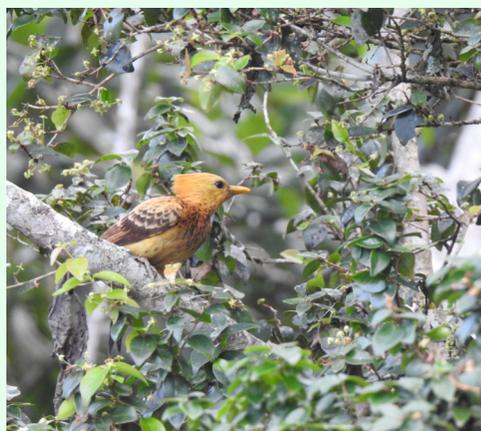


Foto: Nira Fialho

Mais informações



Vocalização



Pica-pau-dourado-grande - *Piculus polyzonus*



Foto: Celso de Castro

Ordem
Piciformes

Família
Picidae

Status de Conservação
Em perigo

O pica-pau-dourado-grande é endêmico da Mata Atlântica brasileira. Seu comprimento varia de 25 a 27 centímetros e pesa aproximadamente 140 gramas. Alimenta-se especialmente de insetos. O período reprodutivo ocorre em novembro e dezembro. O ninho é escavado em cupinzeiros arbóreos. Pode ser observado principalmente em ambientes florestados. Sua distribuição abrange os estados da Bahia, de Minas Gerais e do Espírito Santo.

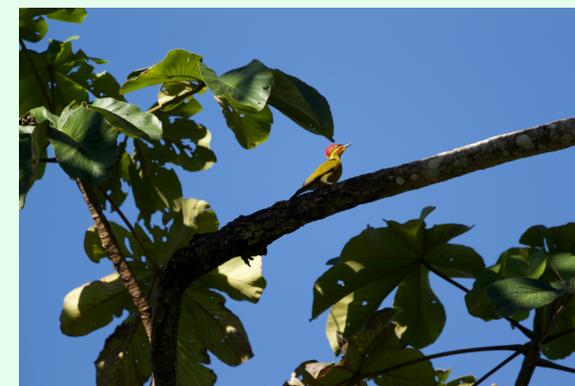


Foto: Ciro Albano

Mais informações



Vocalização



Acauã - *Herpetotheres cachinnans*



Foto: Sergio Murilo de Carvalho

Ordem

Falconiformes

Família

Falconidae

Status de Conservação

Pouco preocupante

O acauã tem comprimento que varia entre 45 e 56 centímetros e pesa entre 550 e 800 gramas. Alimenta-se de lagartos, morcegos e cobras. Pode ser avistado empoleirado sozinho. Faz seu ninho em cavidades naturais de árvores e às vezes utiliza o ninho de outros gaviões onde coloca 2 ovos. Pode ser encontrado em bordas de florestas e áreas abertas com árvores dispersas. É amplamente encontrado em todo o território brasileiro.



Foto: Geremia Pignaton

Mais informações



Vocalização



Apuim-de-costas-pretas - *Touit melanonotus*



Foto: Aisse Gaertner

Ordem

Psittaciformes

Família

Psittacidae

Status de Conservação

Quase ameaçado

O apuim-de-costas-pretas é endêmico do Brasil. Seu comprimento varia de 15 a 16 centímetros e pesa aproximadamente 66,5 gramas. Alimenta-se de frutas, sementes e botões florais. É avistado em bandos de até 30 indivíduos. O período reprodutivo ocorre entre outubro e dezembro. Os ninhos são escavados em cupinzeiros arbóreos. É encontrado quase sempre em ambientes florestais conservados localizados na faixa costeira da Mata Atlântica e, eventualmente, aparece em áreas fragmentadas ou em ambientes urbanos. Sua distribuição estende-se do Sul da Bahia a Santa Catarina.



Foto: Ademir Carletti

Mais informações



Vocalização



Apuim-de-cauda-amarela - *Touit surdus*



Foto: Kacau Oliveira

Ordem
Psittaciformes

Família
Psittacidae

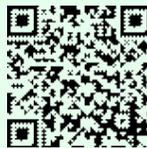
Status de Conservação
Vulnerável

O apuim-de-cauda-amarela é endêmico do Brasil. Mede aproximadamente 15 centímetros e pesa cerca de 66 gramas. Alimenta-se de frutas e outras partes vegetativas como botões. Costuma fazer seus ninhos no interior de cupinzeiros arbóreos. Pode ser observado em florestas úmidas, especialmente na região litorânea da Mata Atlântica. Ocorre nas florestas de tabuleiro que vão desde o Rio grande do Norte ao rio de janeiro.



Foto: Gilberto Botelho

Mais informações



Vocalização



Cuiú-cuiú - *Pionopsitta pileata*



Foto: Renato Paiva

Ordem
Psittaciformes

Família
Psittacidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O cuiú-cuiú é endêmico do Brasil. Seu comprimento varia de 21 e 22 centímetros e pesa entre 95 e 135 gramas. Alimentam-se de frutas e sementes. É avistado em bandos de aproximadamente 10 indivíduos. O período reprodutivo ocorre entre agosto e janeiro e o casal vive unido ao longo da vida. O ninho é feito em oco de árvores, onde faz a postura de até 4 ovos cuja incubação leva 24 dias. É encontrado no interior e nas bordas de florestas, porém pode ser avistada em árvores frutíferas urbanas em algumas localidades. Sua distribuição estende-se da Bahia ao Rio Grande do Sul.



Foto: Vilson Wruck

Mais informações



Vocalização



Chauá - *Amazona rhodocorytha*



Foto: Marcos Patrick Stur

Ordem
Psittaciformes

Família
Psittacidae

Status de Conservação
Vulnerável

O chauá é uma espécie endêmica do Brasil. Seu comprimento varia de 35 a 37 centímetros e pesa entre 450 e 500 gramas. Alimenta-se de partes vegetativas como frutas, sementes, bagas, botões de flores e folhas. O período reprodutivo ocorre em outubro com a postura de até 4 ovos e incubação de aproximadamente 24 dias. Os filhotes levam cerca de 34 dias para sair do ninho. Pode ser observado especialmente em florestas primárias localizadas Rio de Janeiro e Alagoas.



Foto: Leonardo Merçon

Mais informações



Vocalização



Tiriba-grande - *Pyrrhura cruentata*



Foto: Geiser Trivelato

Ordem
Psittaciformes

Família
Psittacidae

Status de Conservação
Vulnerável

A tiriba-grande é endêmica do Brasil. Seu comprimento varia de 29 a 30 centímetros e pesa aproximadamente 100 gramas. Alimenta-se especialmente de frutas, mas podem consumir outras partes da planta, como flores e sementes. É avistada em bandos de até 20 indivíduos forrageando em árvores. O período reprodutivo ocorre entre junho e outubro. Os ninhos ficam em ocos de árvores contendo até 4 ovos cuja incubação dura entre 24 e 26 dias. É encontrada no interior e nas bordas de florestas e é exclusiva da Mata Atlântica. Na Bahia, pode ser observada também em agroflorestas de cacau. Sua distribuição abrange o Sul do estado da Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro.



Mais informações



Vocalização



Tiriba-de-orelha-branca - *Pyrrhura leucotis*



Foto: Jailson Souza

Ordem
Psittaciformes

Família
Psittacidae

Status de Conservação
Vulnerável

A tiriba-de-orelha-branca é endêmica do Brasil. Seu comprimento varia de 21 a 23 centímetros e pesa aproximadamente 80 gramas. Alimenta-se de frutas e sementes. É avistada em bandos de até 20 indivíduos forrageando em árvores. O período reprodutivo ocorre em agosto. Os ninhos ficam em ocos de árvores e podem conter de 5 a 9 ovos e a incubação é feita apenas pela fêmea durante 27 dias. Os filhotes demoram 5 semanas para sair do ninho. É encontrada apenas em fragmentos da Mata Atlântica, porém na Bahia podem ser observadas também em agroflorestas de cacau. Sua distribuição estende-se do Sul da Bahia a São Paulo.



Foto: João Victor Cardoso Fernandes

Mais informações



Vocalização



Jandaia-de-testa-vermelha - *Aratinga auricapillus*



Foto: Lucas Leandro Barbosa

Ordem
Psittaciforme

Família
Psittacidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

A jandaia-de-testa-vermelha mede cerca de 30 centímetros e pesa aproximadamente 130 gramas. Alimenta-se de sementes e frutas. Vive em grandes bandos de até 40 indivíduos. Os casais fazem seus ninhos isoladamente em ocos de árvores, paredões de pedra e embaixo de telhados de edificações construídas por humanos, o que ajuda muito em sua ocupação de espaços urbanos. Como a maior parte dos psitacídeos, não coleta materiais para a construção do ninho, pondo e chocando os ovos diretamente sobre o solo do local de nidificação. Põe de 3 a 4 ovos e a incubação dura cerca de 24 dias. Pode ser avistada em áreas abertas com árvores e bordas de florestas. Ocorre no Leste de Sergipe ao Paraná, incluindo Minas Gerais, e na porção central do território brasileiro, nos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.



Foto: Leonildo Piovesan

Mais informações



Vocalização



Choquinha-pequena - *Myrmotherula minor*



Foto: Marco Guedes

Ordem
Passeriformes

Família
Thamnophilidae

Status de Conservação
Vulnerável

A choquinha-pequena mede cerca de 9 centímetros de comprimento e pesa aproximadamente 6 gramas. Alimenta-se de artrópodes. É avistada quase sempre em casal e às vezes em bandos mistos no sub-bosque da floresta. Pode ser encontrada vasculhando a galharia de arbustos ou no estrato médio de florestas. Habita remanescentes de Mata Atlântica no Leste do Brasil. Ocorre em uma pequena porção entre a Bahia e o Paraná.



Foto: Arthur Monteiro Gomes

Mais informações



Vocalização



Choquinha-chumbo - *Dysithamnus plumbeus*



Foto: Guto Balieiro

Ordem
Passeriformes

Família
Thamnophilidae

Status de Conservação
Vulnerável

A choquinha-chumbo é endêmica do Brasil. Seu comprimento é de cerca de 13 centímetros e pesa aproximadamente 20 gramas. Alimenta-se de pequenos insetos e aranhas. Pode ser observada sozinha, em pares e com frequência acompanha bandos mistos. Exclusiva da Mata Atlântica, vive no sub-bosque de florestas densas. Sua distribuição estende-se entre o Sul da Bahia e o Norte do Rio de Janeiro, incluindo Minas Gerais e Espírito Santo.



Foto: Paulo José da Silva

Mais informações



Vocalização



Borrallhara - *Mackenziaena severa*



Foto: Marco Cruz

Ordem
Passeriformes

Família
Thamnophilidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

A borralhara mede cerca de 22 centímetros e pesa aproximadamente 52 gramas. Alimenta-se de artrópodes. É avistada em pares e com frequência em bandos mistos. O macho é preto com salpicos de pintas brancas, enquanto a fêmea é marrom-carijó. Tanto o macho quanto a fêmea possuem íris avermelhadas. É encontrada em matas úmidas, principalmente secundárias, bambuzais e até em sub-bosques sujos de eucaliptais. Ocorre exclusivamente na Mata Atlântica, desde o Sul da Bahia até o Rio Grande do Sul, incluindo Minas Gerais.



Foto: Paulo B. Chaves

Mais informações



Vocalização



Ditui - *Drymophila ferruginea*



Foto: Ademir Carletti

Ordem
Passeriformes

Família
Thamnophilidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O dituí, é endêmico do Brasil. Mede cerca de 14 centímetros e pesa aproximadamente 11 gramas. Em geral, alimenta-se de artrópodes. É avistado sozinho ou em pares. Costuma seguir formigas de correção para consumir os insetos que espantam. Pode-se associar a bandos mistos de sub-bosque e sub-dossel de florestas. Vivem em bordas e clareiras de florestas tanto em florestas primárias quanto secundárias. Tem preferência por ambientes ricos em taquaras e cipós. Sua distribuição estende-se da Bahia a Santa Catarina, Minas Gerais e Rio de Janeiro.



Foto: Caio Brito

Mais informações



Vocalização



Choquinha-de-dorso-vermelho - *Drymophila ochropyga*



Foto: Emrani Knupfer

Ordem
Passeriformes

Família
Thamnophilidae

Status de Conservação
Quase ameaçada

A choquinha-de-dorso-vermelho é endêmica do Brasil. Seu comprimento é de cerca de 13 centímetros e pesa aproximadamente 10 gramas. Alimenta-se especialmente de artrópodes. Ocorre em sintropia com outras espécies do gênero *Drymophila* em florestas montanas em altitudes de 300 a 1950 metros. Ocorre da Bahia até Santa Catarina, incluindo Minas Gerais.



Foto: Livia Reberhy Queiroz

Mais informações



Vocalização



Pintadinho - *Drymophila squamata*



Foto: Luís Roberto da Silva

Ordem
Passeriformes

Família
Thamnophilidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O pintadinho é endêmico do Brasil. Seu comprimento varia entre 12 e 13 centímetros e pesa cerca de 11 gramas. Alimenta-se de artrópodes capturados na folhagem. Geralmente é observado aos pares, mas pode compor bandos mistos. Estão o tempo todo em contato vocal, emitindo alguns chamados curtos e agudos, respondidos com uns pios trêmulos pelo parceiro. O macho é preto com a parte superior de manchas brancas e um supercílio branco. Além disso, possui duas barras brancas nas asas e a cauda é barrada de branco. Na parte inferior, é branca, com manchas pretas em destaque. Já a fêmea tem um padrão semelhante, mas o preto é substituído por marrom e o branco por um tom amarelo esbranquiçado. Habita o sub-bosque de florestas desde áreas conservadas até floresta secundária. Ocorre ao longo da costa Leste do Brasil, de Alagoas a Santa Catarina.



Foto: João Castro

Mais informações



Vocalização



Chupa-dente - *Conopophaga lineata*



Foto: Helberth Peixoto

Ordem
Passeriformes

Família
Conopophagidae

Status de Conservação
Pouco Preocupante

O comprimento do chupa-dente varia de 11,5 a 14 centímetros e seu peso está entre 16 e 27 gramas. Alimenta-se de pequenos artrópodes. É avistado sozinho ou em pares. Forrageia próximo ao solo e frequenta poleiros verticais. Constrói seus ninhos no solo ou próximo dele. Ocorre no interior e nas bordas de florestas secas, de galeria e úmidas. Ocorre especialmente no Leste do Brasil, da Bahia ao Rio Grande do Sul, passando por Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.



Foto: Brando Fernandes

Mais informações



Vocalização



Tovacuçu - *Grallaria varia*



Foto: Marcelo Jordani Feliti

Ordem
Passeriformes

Família
Grallariidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O tovacuçu mede cerca de 21 centímetros e pesa aproximadamente 119 gramas. Alimenta-se principalmente de artrópodes e sementes. É avistado sozinho e seguindo formigas de correição. Seu comportamento é tranquilo, desloca-se principalmente pelo solo e na vegetação baixa da floresta. Seu ninho tem formato de tigela aberta, feito de folhas e galhos, colocado em cavidades de tocos, em folhas no chão da floresta ou em galhos da vegetação do sub-bosque. Põe 2 ovos azul-esverdeados e os pais se revezam na construção do ninho e nos cuidados dos filhotes. Habita as florestas úmidas da Amazônia e da Mata Atlântica. Sua distribuição estende-se por grande parte da região Norte e Leste do Brasil, do Sul da Bahia ao Rio Grande do Sul, incluindo Minas Gerais.



Foto: João Roberto Cortez

Mais informações



Vocalização



Galinha-do-mato - *Formicarius colma*



Foto: Diego Murta

Ordem
Passeriformes

Família
Formicariidae

Status de Conservação
Pouco preocupante



Foto: Jefferson Silva

A galinha-do-mato mede cerca de 18 centímetros de comprimento e pesa aproximadamente 43 gramas. Alimenta-se de artrópodes e pode ser observada seguindo formigas de correição. É uma ave de difícil visualização, mas sua vocalização de piados repetitivos é muito presente na floresta. O ninho tem formato de tigela aberta e é feito de materiais secos (folhas, talos) sobre uma base firme colocada junto a folhas no solo e no oco de árvores. Põe 2 ovos. Vive estritamente em áreas florestadas, como florestas úmidas, de terra firme e de várzea. Ocorre em diversos estados brasileiros, especialmente na Amazônia e na porção litorânea da Mata Atlântica.

Mais informações



Vocalização



Tovaca-cantadora - *Chamaeza meruloides*



Foto: Marcia Tavares

Ordem
Passeriformes

Família
Formicariidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

A tovaca-cantadora é endêmica do Brasil. Seu comprimento é de aproximadamente 19 centímetros e pesa cerca de 69 gramas. Alimenta-se de artrópodes. É muito silenciosa e difícil de observar. Possui um canto longo com variação de 20 a 40 segundos. É encontrada em remanescentes de Mata Atlântica. Sua distribuição estende-se do Sul da Bahia a Santa Catarina com registros em Minas Gerais.



Foto: Aldo Nunes

Mais informações



Vocalização



João-porca - *Lochmias nematura*



Foto: Marcelo Krause

Ordem
Passeriformes

Família
Furnariidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O João-porca mede cerca de 15 centímetros de comprimento e pesa aproximadamente 22 gramas. Alimenta-se de artrópodes. É avistado sozinho deslocando-se pelo chão e removendo folhas com o bico. Às vezes procura alimento na lama de chiqueiros e esgotos, o que lhe valeu alguns de seus nomes populares. Vive solitário e desloca-se pulando pelo chão. Faz seu ninho em barrancos sombreados, cavando com o bico uma longa galeria cuja extremidade terminal constrói um ninho esférico com entrada lateral usando raízes e outros pedaços de plantas. Põe 2 ovos brancos. É encontrado em florestas úmidas, floresta montana, floresta secundária e em vegetação densa à beira de água corrente de rios e igarapés. Ocorre do Sul da Bahia ao Rio Grande do Sul, além de registros em diversos estados do Centro-oeste do Brasil.



Foto: Mariza Sanches

Mais informações



Vocalização



Acrobata - *Acrobatornis fonsecai*



Foto: Vital Teixeira

Ordem
Passeriformes

Família
Furnariidae

Status de Conservação
Vulnerável

O acrobata é uma espécie endêmica do Brasil. Seu comprimento é de aproximadamente 13 centímetros e pesa cerca de 15 gramas. Alimenta-se de insetos. É avistado sozinho e às vezes em bandos mistos. Se pendura de cabeça para baixo nas folhagens e anda nesta posição nos galhos das copas e ao longo dos troncos. Seu período reprodutivo ocorre entre setembro e outubro. Constrói seu ninho com gravetos na copa das árvores. É encontrado no dossel de florestas úmidas, podendo também ser observado em agroflorestas de cacau. Sua distribuição abrange uma pequena região no Sul da Bahia e no Nordeste de Minas Gerais.



Foto: Fabyano Costa

Mais informações



Vocalização



Rabo-amarelo - *Thripophaga macroura*



Foto: João Victor Cardoso Fernandes

Ordem
Passeriformes

Família
Furnariidae

Status de Conservação
Vulnerável

O rabo-amarelo é endêmico do Brasil. Seu comprimento varia entre 17 e 18 centímetros e pesa aproximadamente 21 gramas. Alimenta-se de artrópodes encontrados especialmente no meio de bromélias e emaranhados de folhas secas. É avistado sozinho, em pares e em bandos mistos. O período reprodutivo acontece entre setembro e dezembro e, ocasionalmente, em janeiro. O ninho esférico é construído com pequenos gravetos e situado entre 10 e 25 metros do solo. Encontra-se nos estratos médio e alto de florestas primárias e secundárias. Ocorre em uma restrita região do Brasil que abrange o Sul da Bahia, Leste de Minas Gerais e do Espírito Santo e Norte do Rio de Janeiro.



Foto: Marco Guedes

Mais informações



Vocalização



João-baiano - *Synallaxis cinerea*



Foto: Marco Guedes

Ordem
Passeriformes

Família
Furnariidae

Status de Conservação
Quase ameaçada

O João-baiano é endêmico do Brasil. Seu comprimento varia entre 15 e 17 centímetros e pesa entre 16 e 21 gramas. Alimenta-se de artrópodes. Geralmente, é avistado sozinho vasculhando folhagens, galhos e cascas de árvores de forma acrobática à procura de insetos. Vive em floresta montana, entre 500 e 1000 metros de altitude. Ocorre especialmente no Sudeste da Bahia, com poucos registros no Norte de Minas Gerais.



Foto: Fabyano Costa

Mais informações



Vocalização



Tangarazinho - *Ilicura militaris*



Foto: Thieres Pinto

Ordem
Passeriformes

Família
Pipridae

Status de Conservação
Pouco preocupante



Foto: Leonardo Casadei

O tangarazinho é uma espécie endêmica do Brasil. Seu comprimento varia entre 10 e 12 centímetros e pesa aproximadamente 12 gramas. Alimenta-se principalmente de frutas de plantas no sub-bosque e aprecia frutas da erva-de-passarinho. Os indivíduos são solitários e na época reprodutiva o macho faz uma demonstração de acasalamento para atrair a fêmea. Põe de 2 a 3 ovos em um ninho com formato de taça. O macho exibe um padrão de cores bastante marcante, com branco, verde, preto e vermelho. A fêmea apresenta uma coloração verde-oliva nas partes superiores e cinza nos lados da cabeça e garganta, além de possuir uma cauda com um prolongamento menor em comparação com o macho. Pode ser observado no sub-bosque e estrato médio de florestas em diferentes estágios de regeneração. Sua distribuição estende-se do estado de Santa Catarina ao Sul da Bahia.

Mais informações



Vocalização



Tangará-rajado - *Machaeropterus regulus*



Foto: Yan Jovita

Ordem
Passeriformes

Família
Pipridae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O tangará-rajado tem cerca de 9 centímetros e pesa aproximadamente 9 gramas. Alimenta-se de frutas e também pode consumir insetos. Pode ser observado sozinho ou aos pares no sub-bosque e no estrato médio da floresta. Habita remanescentes da Mata Atlântica, especialmente florestas de tabuleiro. Ocorre da Bahia ao Rio de Janeiro.



Foto: Chermont Pinheiro Braga

Mais informações



Vocalização



Tesourinha-da-mata - *Phibalura flavirostris*



Foto: Aisse Gaertner

Ordem
Passeriformes

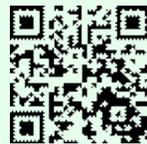
Família
Cotingidae

Status de Conservação
Pouco Preocupante



Foto: Ney Matsumura

Mais informações



Vocalização



Pavó - *Pyroderus scutatus*



Foto: Ronald Gruijter

Ordem
Passeriformes

Família
Cotingidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O comprimento do pavó varia de 37 a 42 centímetros e pesa cerca de 390 gramas. Alimenta-se especialmente de frutas. No período reprodutivo pode formar grupos de até 10 indivíduos em que os machos competem pelas fêmeas. O ninho é uma plataforma pequena composta por gravetos onde são postos 2 ovos. Pode ser observado no interior e em bordas de florestas, especialmente em regiões montanhosas. Ocorre no Leste do Brasil, da Bahia ao Rio Grande do Sul, de Goiás ao Mato Grosso do Sul, além de outros países da América do Sul.



Foto: Kacau Oliveira

Mais informações



Vocalização



Tropeiro-da-serra - *Lipaugus lanioides*



Foto: Osmar Slompo

Ordem
Passeriformes

Família
Cotingidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O tropeiro-da-serra é endêmico do Brasil. Mede aproximadamente 25 centímetros e pesa 84 gramas. Alimenta-se especialmente de frutas do palmito juçara (*Euterpe edulis*), açaí (*Euterpe oleracea*), Melastomatáceas (*Miconia* sp.), Myrsináceas (*Myrsine* sp.) e Rubiáceas (*Psychotria* sp.). Muito silencioso, normalmente é encontrado sozinho, mas pode se juntar a bandos mistos. Pode ser avistado nos estratos intermediários e superiores do interior da floresta, apesar de já ter sido registrado em plantios de eucalipto com sub-bosque nativo desenvolvido. Ocorre do Sul do estado da Bahia até Santa Catarina.



Foto: Geiser Trivelato

Mais informações



Vocalização



Araponga - *Procnias nudicollis*

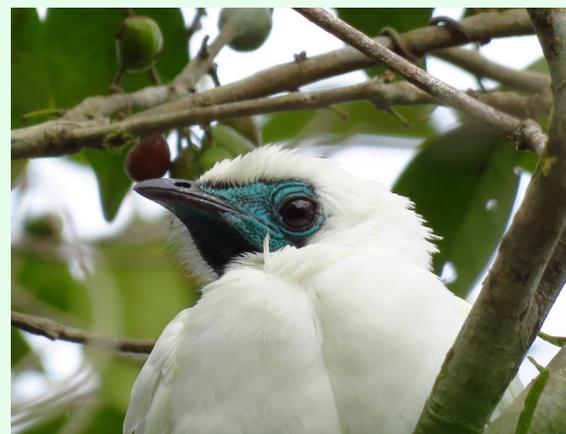


Foto: Ramsés Antunes da Luz

Ordem
Passeriformes

Família
Cotingidae

Status de Conservação
Quase ameaçada

O comprimento da araponga varia de 26 a 28 centímetros e pesa cerca de 200 gramas. Alimenta-se de pequenas frutas. Os machos competem pelas fêmeas em arenas. O ninho, em formato de tigela rasa, é construído pela fêmea, que põe 2 ovos. O macho adulto tem plumagem branca, com a zona do colar desprovida de plumas e pele esverdeada. A fêmea é cinzenta, com a área superior em tons de verde e a inferior com estrias de amarelo-esverdeado e cinza, além da zona do pescoço em tonalidade acinzentada. Além disso, as fêmeas são menores que os machos. Pode ser observada especialmente no dossel de remanescentes florestais em diferentes estágios sucessionais. Ocorre no Leste do Brasil, de Pernambuco ao Rio Grande do Sul, com registros também no Mato Grosso do Sul.



Foto: Valdir Schwarz

Mais informações



Vocalização



Crejoá - *Cotinga maculata*



Foto: Marcelino Dias

Ordem
Passeriformes

Família
Cotingidae

Status de Conservação
 criticamente em perigo

O crejoá é endêmico do Brasil. Seu comprimento é de 20 centímetros e pesa cerca de 65 gramas. Alimenta-se principalmente de frutas. O ninho tem o formato de uma xícara feita com gravetos, suportada por uma forquilha em um galho horizontal na copa das árvores. Registros apontam que apenas a fêmea cuida dos ovos e dos filhotes. O macho exibe um dorso azul-cobalto, com partes inferiores em tom púrpura-escuro e um colar também em azul-cobalto. Suas asas e cauda são caracterizadas por uma predominância de penas negras. Por outro lado, a fêmea apresenta uma plumagem de tom pardo anegrado. Pode ser observado no dossel e bordas de remanescentes florestais da Mata Atlântica. É encontrado no Leste do Brasil em uma pequena faixa litorânea entre o Sul da Bahia e o Norte do Espírito Santo.



Foto: Nira Fialho

Mais informações



Vocalização



Anambé-de-asa-branca - *Xipholena atropurpurea*



Foto: Marcelino Dias

Ordem
Passeriformes

Família
Cotingidae

Status de Conservação
 Vulnerável

O anambé-de-asa-branca é endêmico do Brasil. Mede 19 centímetros e pesa entre 56 e 67 gramas. Alimenta-se principalmente de frutas de Moraceae, Myrtaceae e Lauraceae e alguns insetos. Pode ser avistado sozinho, em pares ou em pequenos grupos. A fêmea constrói um pequeno ninho em forquilhas em galhos altos. É encontrado no dossel e nas bordas de florestas primárias e secundárias. Ocorre nas florestas litorâneas do Nordeste e também no Espírito Santo e no Rio de Janeiro.



Foto: Ronaldo Lopes Oliveira

Mais informações



Vocalização



Anambezinho - *Iodopleura pipra*



Foto: Aisse Gaertner

Ordem
Passeriformes

Família
Tityridae

Status de Conservação
Em perigo

O anambezinho é uma espécie endêmica do Brasil. Tem 9,5 centímetros de comprimento e pesa 10 gramas. Alimenta-se de frutas, podendo ser observada capturando insetos, especialmente no dossel das árvores. A reprodução inicia-se no outono, quando a fêmea constrói seu pequeno ninho em uma forquilha usando musgo e líquens. Geralmente, a fêmea põe apenas 1 ovo. É uma espécie exclusiva de áreas florestadas, sobretudo de baixa altitude. Ocorre no Leste do Brasil, da Paraíba a Santa Catarina.



Foto: Diego Murta

Mais informações



Vocalização



Anambé-branco-de-rabo-preto - *Tityra cayana*



Foto: Odilon Simões Corrêa

Ordem
Passeriformes

Família
Tityridae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O anambé-branco-de-rabo-preto é uma espécie com comprimento que varia de 20 a 22 centímetros e pesa cerca de 69 gramas. Alimenta-se principalmente de frutas e insetos. Faz ninho em cavidades de troncos mortos ou em buracos de pica-paus, forrando-o com folhas e pequenos gravetos. Vive em pares, em pequenos grupos espalhados e, com menor frequência, solitariamente. A fêmea apresenta tons marrons no alto da cabeça, com as costas e o peito estriados de preto. Enquanto isso, o macho tem o alto da cabeça preto, peito e costas brancas. É territorialista e raramente é observado junto a outras aves. É muito comum na copa e nas bordas de florestas úmidas, floresta secundária, florestas de galeria e clareiras com árvores esparsas. Ocorre em todo o território brasileiro.



Foto: Brando Fernandes

Mais informações



Vocalização



Borboletinha-baiana - *Phylloscartes beckeri*



Foto: Antônio Sergio Trevisan

Ordem
Passeriformes

Família
Rhynchocyclidae

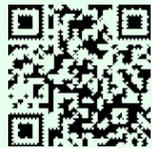
Status de Conservação
Em perigo

A borboletinha-baiana é endêmica do Brasil. Seu comprimento é de 12 centímetros e pesa cerca de 9 gramas. Alimenta-se exclusivamente de artrópodes. É observada em pares ou grupos familiares pequenos. Pode ser avistada no dossel de florestas úmidas em regiões de grande altitude. Sua distribuição é concentrada no Sul da Bahia, com poucos registros em Minas Gerais.



Foto: Margi Moss

Mais informações



Vocalização



Teque-teque - *Todirostrum poliocephalum*



Foto: Enio Roberto D'Avila

Ordem
Passeriformes

Família
Rhynchocyclidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O teque-teque mede cerca de 9 centímetros e pesa aproximadamente 7 gramas. Alimenta-se de invertebrados no meio da folhagem, podendo, eventualmente, consumir frutas. De movimentos ligeiros, quase nunca fica imóvel. Constrói o ninho pendurado em um trançado de cerca de 30 centímetros nas pontas dos galhos. Ocorre em áreas florestadas, desde florestas densas a áreas de restinga. Ocorre da Bahia a Santa Catarina, incluindo Minas Gerais e Mato Grosso do Sul.



Foto: Leonardo Casadei

Mais informações



Vocalização



Papa-moscas-estrela - *Hemitriccus furcatus*



Foto: Ney Matsumura

Ordem
Passeriformes

Família
Tyrannidae

Status de Conservação
Vulnerável

O papa-moscas-estrela é endêmico do Brasil. Seu comprimento é de 11 centímetros e pesa aproximadamente 9 gramas. Alimenta-se de artrópodes. É possível avistar vários indivíduos em uma área consideravelmente pequena. Pode ser encontrado em florestas compostas por taquaras (variedade de bambu), nas bordas de florestas e clareiras ou até mesmo em matas secundárias em regeneração. Ocorre no estado do Rio de Janeiro, no Leste do estado de São Paulo e no Sul da Bahia.



Foto: Jordalton Silva Oliveira

Mais informações



Vocalização



Maria-cabeçada - *Ramphotricon megacephalum*



Foto: Jorge Gorges

Ordem
Passeriformes

Família
Tyrannidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

A maria-cabeçada mede 14 centímetros e pesa aproximadamente 14 gramas. Alimenta-se exclusivamente de artrópodes. Normalmente é encontrada sozinha e, ocasionalmente, segue bandos mistos. Faz ninhos em cavidades naturais de árvores, onde põe 2 ovos. Pode ser avistada em taquarais (diversos tipos de bambuzais), tendo preferência pela vegetação densa no interior do sub-bosque de florestas. Sua distribuição abrange o Sul da Bahia até Santa Catarina, além de diversos estados da região Norte do Brasil.



Foto: Justino José de Paula

Mais informações



Vocalização



Piui-boreal - *Contopus cooperi*



Foto: Paulo Fernando Bertagnoli

Ordem

Passeriformes

Família

Tyrannidae

Status de Conservação

Quase ameaçada

O comprimento do piui-boreal varia de 22 a 25 centímetros e pesa aproximadamente 32 gramas. Alimenta-se especialmente de insetos. Pode ser avistado sozinho em galhos expostos no topo de árvores altas, bordas de florestas e/ou campos semiabertos. É encontrado nas florestas boreais do Canadá e florestas montanhosas do Alasca durante o período reprodutivo e, no verão, entre outubro e abril, migra para a América Central e América do Sul. No Brasil, apresenta ampla distribuição, podendo ocorrer na Amazônia, Mata Atlântica e, eventualmente, no Cerrado.



Foto: Geraldo Eliezer Morai

Mais informações



Vocalização



Sabiá-castanho - *Cichlopsis leucogenys*



Foto: Fabyano Costa

Ordem

Passeriformes

Família

Turdidae

Status de Conservação

Em perigo

O comprimento do sabiá-castanho é de aproximadamente 21 centímetros e pesa entre 45 e 61 gramas. Alimenta-se de frutas e alguns invertebrados. Pode ser avistado sozinho ou em pares. Seu ninho tem forma de taça feita com gravetos e coberta com musgo, onde põe até 3 ovos. É encontrado em florestas primárias de altitude e em remanescentes florestais em estado avançado de regeneração. No Brasil, sua distribuição é restrita à região costeira da Bahia e do Espírito Santo, mas pode ocorrer em outros países da América do Sul.



Foto: Gabriel Scaldaferrro Bonfa

Mais informações



Vocalização



Gaturamo-bandeira - *Chlorophonia cyanea*



Foto: Juan Andres Anza

Ordem
Passeriformes

Família
Fringillidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O comprimento do gaturamo-bandeira é de aproximadamente 10 centímetros e pesa cerca de 13 gramas. Alimenta-se de pequenos frutos, folhas e néctar. Pode ser avistado em casais ou pequenos grupos. O macho e a fêmea constroem um ninho redondo bem escondido dentro de bromélias, no penacho dos coqueiros ou na barba-de-velho, onde a fêmea põe até 3 ovos. É encontrado no dossel e bordas de florestas montana e clareiras adjacentes. Sua distribuição estende-se do Sul da Bahia ao Rio Grande do Sul, passando por Minas Gerais, Roraima e Mato Grosso do Sul.



Foto: Sylvio Adalberto Nascimento

Mais informações



Vocalização



Gaturamo-verdadeiro - *Euphonia violacea*



Foto: Brando Fernandes

Ordem
Passeriforme

Família
Fringillidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O comprimento do gaturamo-verdadeiro varia entre 11 e 12 centímetros e pesa cerca de 15 gramas. Alimenta-se de frutas e insetos. Os ninhos são construídos em cavidades de troncos. Cada postura tem em média 4 ovos, que são incubados apenas pela fêmea durante 15 dias. O macho é radiante em preto brilhante, com reflexos azul-violáceos no dorso, e uma parte inferior de um amarelo vivo. Manchas brancas podem ser observadas nas penas externas da cauda, e sobre o bico, na parte superior da cabeça, há uma mancha amarela. Enquanto isso, a fêmea exibe partes superiores verde-oliváceas e partes inferiores amarelo-oliváceas. É comum em bordas de florestas, florestas de galeria, clareiras, jardins e diversas plantações. Ocorre em todo o território brasileiro.



Foto: Mariza Sanches

Mais informações



Vocalização



Ferro-velho - *Euphonia pectoralis*



Foto: Rafael Weber

Ordem
Passeriformes

Família
Fringilidae

Status de Conservação
Pouco preocupante



Foto: Eliane Zaltman

O comprimento do ferro-velho é de 11,5 centímetros e pesa aproximadamente 17 gramas. Alimenta-se de frutas e insetos. Vive solitário ou em pequenos grupos, associando-se com frequência a bandos mistos de aves. Seu ninho esférico, com entrada lateral, é construído em lugares abrigados, como no meio de um penacho de coqueiro ou entre as folhas do gravatá. Cada ninhada, geralmente, tem entre 2 e 5 ovos, sendo de 2 a 3 ninhadas por temporada. Os filhotes nascem após 15 dias de incubação. O macho exibe partes superiores, garganta e peito em tons azul-metálicos, em contraste com a barriga castanha. A fêmea apresenta tonalidades oliváceas nas partes superiores e cinzentas nas inferiores, com o crisso ferrugíneo, e um boné (píleo) azul, que nos imaturos é verde. É comum no interior e bordas de florestas. Ocorre de Alagoas ao Rio Grande do Sul, incluindo Minas Gerais.

Mais informações



Vocalização



Corrupião - *Icterus jamaicai*



Foto: Flavio Guglielmino

Ordem
Passeriformes

Família
Icteridae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O corrupião é endêmico do Brasil. Seu comprimento varia de 23 a 26 centímetros e pesa entre 67,3 e 58,5 gramas. Alimenta-se de frutas, flores, sementes, insetos, aranhas e outros pequenos invertebrados. Normalmente é avistado em pares. Às vezes constrói seu próprio ninho, mas costumam ocupar ninhos de outras aves expulsando-as e removendo os filhotes. Põe de 2 a 3 ovos que são incubados por 14 dias. É encontrado em diferentes tipos de ambientes, desde bordas de áreas florestadas até áreas urbanizadas. Sua distribuição abrange as Regiões Sudeste, Nordeste e os estados de Goiás, Tocantins e Leste do Pará.



Foto: Fabricio Corsi Arias

Mais informações



Vocalização



Saí-verde - *Chlorophanes spiza*



Foto: João Victor Cardoso Fernandes

Ordem
Passeriformes

Família
Thraupidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O comprimento da saí-verde é de aproximadamente 13 centímetros e pesa cerca de 18 gramas. Alimenta-se de frutas, néctar e insetos. Vive solitária, aos pares, e raramente, em pequenos grupos, geralmente no alto das árvores. Participa de bandos mistos com frequência. Faz ninho em formato de uma tigela rasa bem fixada por teias de aranha a uma forquilha entre 3 e 12 metros de altura. Cada ninhada, geralmente, tem entre 2 e 3 ovos e os filhotes nascem após 13 dias de incubação. O macho tem uma coloração azul-esverdeada, com uma máscara negra notável, enquanto a fêmea é verde, com uma tonalidade mais clara nas partes inferiores. Pode ser observada na borda de florestas e florestas secundárias. Ocorre em toda a Amazônia e de Pernambuco a Santa Catarina.



Foto: Daniel Assis Alfenas

Mais informações



Vocalização



Saíra-ferrugem - *Hemithraupis ruficapilla*



Foto: Luciano Dutra

Ordem
Passeriformes

Família
Thraupidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

A saíra-ferrugem é endêmica do Brasil. Seu comprimento é de cerca de 13 centímetros e pesa aproximadamente 13 gramas. Alimenta-se de frutas e insetos. Vive aos pares ou em pequenos grupos procurando insetos ativamente junto à folhagem no alto das árvores. A fêmea possui uma coloração esverdeada, com tonalidade mais clara nas partes inferiores, enquanto o macho tem o peito em tom marrom claro e a cabeça exibindo a característica cor de ferrugem. Pode também ser observada associada a bandos mistos. Ocorre da Bahia ao Rio Grande do Sul, incluindo Minas Gerais.



Foto: Wilson Mallmann

Mais informações



Vocalização



Saí-de-pernas-pretas - *Dacnis nigripes*



Foto: Adrian Eisen Rupp

Ordem
Passeriformes

Família
Thraupidae

Status de Conservação
Quase ameaçada

A saí-de-pernas-pretas é endêmica da Mata Atlântica brasileira. Mede cerca de 12 centímetros e pesa aproximadamente 14 gramas. Alimenta-se de frutas, pequenos insetos e néctar. É avistada em pares, grupos pequenos e bandos mistos. É uma espécie migratória sazonal, aparecendo nas baixadas litorâneas durante o inverno e reproduzindo no verão nas regiões serranas. Tem em média 2 ninhadas por estação, com 3 ovos em cada uma. Os machos dessa espécie são predominantemente azuis, com máscara, queixo, costas e cauda em preto. Embora se assemelhem ao saí-azul, diferenciam-se por possuírem pernas pretas em vez de rosas, além de menos coloração preta nas asas. Já as fêmeas apresentam o ventre em tom cinza-pardo e o dorso em marrom mais escuro, sem marcações de campo distintas. Habita florestas em bom estado de conservação, mas pode visitar florestas secundárias, jardins e ambientes mais abertos, especialmente durante o inverno mais rigoroso. Ocorre entre o Sul da Bahia e Santa Catarina e também Minas Gerais.



Foto: Jean Michel Gephrie

Mais informações



Vocalização



Saí-azul - *Dacnis cayana*



Foto: Constantino Mello

Ordem
Passeriformes

Família
Thraupidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O comprimento da saí-azul é de cerca de 13 centímetros e pesa aproximadamente 16 gramas. Alimenta-se de néctar, frutas e insetos. O ninho é uma taça profunda feita de fibras finas construído de 5 a 7 metros do solo entre as folhas externas de uma árvore. Põe de 2 a 3 ovos que são incubados pela fêmea. O período reprodutivo ocorre na primavera e no verão quando costuma ter de 2 a 4 ninhadas. Os filhotes são alimentados pelo casal e permanecem no ninho por cerca de 13 dias. O macho possui uma plumagem predominantemente azul brilhante, com áreas pretas na garganta, acima do bico, ao redor dos olhos, nas asas e na cauda. A fêmea é predominantemente verde, com a cabeça e os ombros em azul brilhante. É comum em bordas de florestas, floresta secundária, campos com árvores esparsas, florestas secas e de galeria. Ocorre em todos os estados brasileiros.



Foto: Leonardo Casadei

Mais informações



Vocalização



Bico-de-pimenta - *Saltator fuliginosus*



Foto: Luís Roberto da Silva

Ordem
Passeriformes

Família
Thraupidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O bico-de-pimenta mede cerca de 22 centímetros de comprimento e pesa aproximadamente 50 gramas. Alimenta-se de frutas e sementes. Avistado sozinho, em casais ou em bandos mistos no estrato médio da floresta. Tem em média duas ninhadas por estação, com 3 ovos de coloração azul-esverdeada em cada uma delas. É encontrado no interior de florestas primárias e secundárias. Ocorre de Pernambuco ao Rio Grande do Sul, incluindo Minas Gerais.



Foto: Luiz Carlos Veríssimo

Mais informações



Vocalização



Tiê-sangue - *Ramphocelus bresilius*



Foto: Almir Almeida

Ordem
Passeriformes

Família
Thraupidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

O tiê-sangue é endêmico do Brasil. Seu comprimento varia entre 18 e 19 centímetros e pesa entre 28 e 36 gramas. Alimenta-se especialmente de frutas, embora também consuma artrópodes. É avistado geralmente em pares, em grupos pequenos ou em bandos mistos. Chega à maturidade sexual aos 12 meses, mas a plumagem rubro-negra do macho só é adquirida no segundo ano de vida. Constrói o ninho em forma de cesto, que muitas vezes é forrado com fibras de palmeira, sisal, coco e raiz de capim. Reproduz na primavera e no verão quando a fêmea põe de 2 a 3 ovos. A plumagem do macho é de um vermelho-vivo, o que lhe rendeu o nome. Parte das asas e da cauda são pretas. A plumagem da fêmea é menos vistosa, de cor parda nas partes superiores e marrom-avermelhada nas inferiores. É encontrado em clareiras com arbustos e floresta secundária, principalmente perto de corpos d'água. Ocorre entre o Rio Grande do Norte e Santa Catarina, incluindo Minas Gerais.



Foto: Hector Bottai

Mais informações



Vocalização



Pixoxó - *Sporophila frontalis*



Foto: Marcos Cruz

Ordem
Passeriformes

Família
Thraupidae

Status de Conservação
Vulnerável

O comprimento do pixoxó é de cerca de 12 centímetros e pesa aproximadamente 21 gramas. Alimenta-se especialmente de sementes. É avistado em pares ou grupos pequenos. Tem de 2 a 4 ninhadas por temporada, com 2 ou 3 ovos em cada ninhada. Os filhotes nascem após 13 dias de incubação. O macho possui uma coloração cinza-esverdeada com manchas brancas na testa, nos lados da cabeça, na garganta e no centro do laço ventral, além de asas com duas faixas ocre. Já a fêmea apresenta uma coloração verde-oliva e não possui marcas brancas na cabeça. É observado em áreas florestadas especialmente compostas por taquarais. Ocorre do Sul da Bahia ao Rio Grande do Sul, incluindo Minas Gerais.



Foto: Rodrigo Machado Ferronato

Mais informações



Vocalização



Cigarrinha-do-sul - *Sporophila falcirostris*



Foto: Vilde Eriberto Florêncio

Ordem
Passeriformes

Família
Thraupidae

Status de Conservação
Vulnerável

O comprimento da cigarrinha-do-sul é aproximadamente de 12 centímetros e pesa entre 9,6 e 10,9 gramas. Alimenta-se de grãos e sementes, principalmente dos taquarais e ciperáceas. É avistada em pares ou grupos pequenos. Tem em média 2 ninhadas por estação, com 3 ovos cada. O macho possui uma plumagem cinza escura e um bico alaranjado. Enquanto isso, a fêmea é parda e tem o bico negro. Pode ser observada em remanescentes de Mata Atlântica, incluindo florestas úmidas e montana. Ocorre do Sul da Bahia à Santa Catarina, incluindo Minas Gerais, mas eventualmente é avistada em outras localidades pois possui hábitos migratórios.



Foto: Diomar Augusto de Quadros

Mais informações



Vocalização



Sanhaço-de-encontro-azul - *Thraupis cyanoptera*



Foto: Ronaldo Garcia Lebowski

Ordem
Passeriformes

Família
Thraupidae

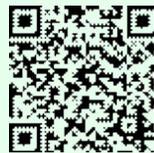
Status de Conservação
Quase ameaçada

O comprimento do sanhaço-de-encontro-azul é de cerca de 18 centímetros e pesa aproximadamente 43 gramas. Alimenta-se especialmente de frutas, podendo também consumir sementes e insetos. É avistado em grupos pequenos e bandos mistos. Na época da reprodução o ninho é construído pelo casal numa forquilha a uma altura que varia de 2 a 15 metros. Coloca de 2 a 3 ovos de cor branco-esverdeada com manchas em tons de marrom. É uma espécie florestal típica da porção litorânea da Mata Atlântica. Ocorre principalmente em locais com vegetação em bom estado de conservação. Sua distribuição estende-se da Bahia ao Rio Grande do Sul.



Foto: José Dioniso Bertuzzo

Mais informações



Vocalização



Sáira-sete-cores - *Tangara seledon*



Foto: Arthur Grosset

Ordem
Passeriformes

Família
Thraupidae

Status de Conservação
Pouco preocupante

A saíra-sete-cores mede cerca de 13 centímetros e pesa aproximadamente 18 gramas. Alimenta-se principalmente de frutas e insetos. É avistada em grupos pequenos e bandos mistos. Faz um ninho tipo tigela com grama e folhas e forrado com materiais macios. A fêmea põe de 2 a 4 ovos de coloração branco rosada com manchas marrons ou cinzentas. A incubação dura de 15 a 17 dias e é feita pela fêmea. O jovem deixa o ninho entre 14 e 18 dias após a eclosão dos ovos. É encontrada nas bordas e dossel de florestas primárias e secundárias, além de jardins e parques em áreas urbanas. Ocorre da Bahia ao Rio de Janeiro, incluindo Minas Gerais.



Foto: Almir Almeida

Mais informações



Vocalização



Cambada-de-chaves - *Tangara brasiliensis*



Foto: Ney Matsumura

Ordem

Passeriformes

Família

Thraupidae

Status de Conservação

Pouco preocupante

O comprimento do cambada-de-chaves é de cerca de 14 centímetros e pesa aproximadamente 26 gramas. Alimenta-se principalmente de frutas, incluindo as exóticas, podendo consumir também insetos. A reprodução ocorre especialmente na primavera e no verão. Faz ninho em formato de xícara pequena e aberta, localizado no dossel da floresta. Durante o período reprodutivo é mais comum vê-lo aos pares. Pode ser observado na porção litorânea em remanescentes de Mata Atlântica. Ocorre nos estados da Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro.



Foto: Jayrson Araujo

Mais informações



Vocalização



Crejoá (*Cotinga maculata*) – Foto: Brando Fernandes.

5. Referências

Aleixo, A.; Galetti, M. 1997. The conservation of the avifauna in a lowland Atlantic Forest in south-east Brazil. *Bird Conservation International*, 7, p. 235-261.

Asociación Bogotana de Ornitología (ABO). 2017. Guia de buenas prácticas para la actividad de aviturismo em Colombia. Ministerio de Comercio, Industria y Turismo.

Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO, 2021). Lista de Aves do Brasil. Disponível em: <https://www.cbro.org.br>.

Bernardon, B.; Nassar, P. M. 2012. Birdwatching in the Mamirauá lake as an appeal to ecotourists/birdwatchers. *UAKARI*, 8(2), p. 51-66, Special Issue: Sustainable Tourism.

Bertonatti, C. 1997. Nuestro Libro Rojo, No. 56: Pájaro Campana *Procnias nudicollis*. *Vida Silvestre*, 58, p. 21-22.

Carlucci, M. B.; Marcilio-Silva, V.; Torezan, J. M. 2021. The Southern Atlantic Forest: Use, degradation and perspectives for conservation. In: Marques, M. C. M.; Grelle, C.

Cavarzere, V.; Albano, C.; Tonetti, V.; Pacheco, F.; Whitney, B.; Silveira, L. 2019. An overlooked hotspot for birds in the Atlantic Forest. *Papéis Avulsos de Zoologia (São Paulo)*, 59p. <http://doi.org/10.11606/1807-0205/2019.59.05>

Clements, J. F.; Schulenberg, T. S.; Iliff, M. J.; Billerman, S. M.; Fredericks, T. A.; Gerbracht, J. A.; Lepage, D.; Sullivan, B. L.; Wood, C. L. 2021. The eBird/Clements checklist of Birds of the World: v2021. <https://www.birds.cornell.edu/clementschecklist/download>

Corrêa-Côrtes, M.; Cazetta, E.; Staggemeier, V. G.; and Galetti, M. 2009. Linking frugivore activity to early recruitment of a bird dispersed tree,

Eugenia umbelliflora (Myrtaceae) in the Atlantic rainforest. *Austral Ecology*, 34, p. 249-258.

E. V.; Forest, M. *The Atlantic Forest: History, Biodiversity, Threats and Opportunities of the Mega-diverse Forest*. Springer.

Favretto, M. A. 2021. Aves do Brasil. vol I: Rheiformes a Psittaciformes. 1ª edição. Florianópolis, 596p.

Figueiredo, M. L.; Weber, M. M.; Brasileiro, C. A.; Cerqueira, R.; Grelle, C. E. V.; Jenkins, C. N.; Solidade, C. V.; Ch. Thomé, M. T.; Vale, M.; Lorini, M. L. 2021.

Francisco, M. R.; Oliveira Jr., P. R. R.; Lunardi, V. O. 2008. Nest and Fledglings of the Red-ruffed Fruitcrow (*Pyroderus scutatus*). *The Wilson Journal of Ornithology*, 120(2), p. 413-416.

Fundação SOS Mata Atlântica e Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. 2020. Atlas dos remanescentes florestais da mata atlântica, período 2018-2019, relatório técnico. 61p.

Hilty, S.; Brown, W. 1986. A guide to the birds of Colombia. Princeton University Press. New Jersey. 836p.

Howe, H. F.; Smallwood, J. 1982. Ecology of seed dispersal. *Annu. Rev. Ecol. Syst.*, 13, p. 201-228.

IUCN. 2021: The IUCN Red List of Threatened Species. Versão 2020-3. The IUCN Red List of Threatened Species.

Marques, M. C. M.; Grelle, C. E. V.; Forest, M. 2021. *The Atlantic Forest: History, Biodiversity, Threats and Opportunities of the Mega-diverse Forest*. Springer.

Marquez, C.; Bechard, M.; Gast, F.; Vanegas, V. H. 2005. Aves rapaces diurnas de Colombia. Instituto de Investigación de Recursos Biológicos "Alexander von Humboldt". Bogotá, D.C. - Colombia. 394p.

Ministério do Meio Ambiente: Lista de Fauna Ameaçada, 2021 <https://dados.mma.gov.br/dataset/especies-ameacadas>.

Parker, T. A.; Stotz, D. F.; Fitzpatrick, J. W. 1996. Ecological and distributional databases. In: Stotz, D. F.; Fitzpatrick, J. W.; Parker, T. A.; Moskovits, D. K. (eds), Neotropical bird ecology and conservation, p. 113-436. University of Chicago Press, Chicago.

Pivatto, M.; José Sabino, C. O turismo de observação de aves no Brasil: breve revisão bibliográfica e novas perspectivas. *Atualidades ornitológicas*, 139, p. 10-13.

Pizo, M. A.; Silva, W. R.; Galetti, M.; Laps, R. 2002. Frugivory in Cotingas of Atlantic Forest of Southeast Brazil. *Ararajuba*, 10(2), p. 177-185.

Pizo, M. A.; Tonetti, V. R. 2020. Living in a fragmented world: Birds in the Atlantic Forest. *Condor*, 122(3).

Programa Ambiental: Última Arca de Noé. Disponível em: <http://www.ultimaarcadenoe.com.br/protecao-juridica-das-aves>. 25 de fevereiro de 2022.

Programa de Transformación Productiva (PTP) del Ministerio de Comercio, Industria y Turismo. Fondo Nacional de Turismo (FONTUR). 57p.

Quintero, E.; Pizo M. A.; Jordano, P. 2019. Fruit resource provisioning for avian frugivores: The overlooked side of effectiveness in seed dispersal mutualisms. *Journal of Ecology*, 108, p. 1358-1372.

Ribeiro, M. C.; Metzger, J. P.; Martensen, A. C.; Ponzoni, F.; Hirota, M. M. 2009. Brazilian Atlantic Forest: how much is left and how is there remaining forest distributed? Implications for conservation. *Biological Conservation*, 142, p. 1141-1153.

Ridgely, R.; Tudor, G. 2009. Field guide to the Songbirds of South Ameri-

ca. The passerines. University of Texas press. Austin, Texas, USA.

Rodriguez Mata, J.; Erize, F.; Rumboll, M. 2008. Guia de campo Collins. Aves de sudamerica. No Passeriformes, desde ñandues hasta carpinteros. Letemendia, Buenos Aires, 384p.

Tetrapod Diversity in the Atlantic Forest: Maps and Gaps. In: Marques, M. C. M.; Grelle, C. E. V; Forest, M. The Atlantic Forest: History, Biodiversity, Threats and Opportunities of the Mega-diverse Forest. Springer.

Vale, M.; Tourinho, L.; Lorini, M. L.; Rajão, H.; Figueiredo, M. 2018. Endemic birds of the Atlantic Forest: traits, conservation status, and patterns of biodiversity. *Journal of Field Ornithology*, 89, p. 193-206.

Whelan, C. J.; Sekercioglu, C. H. 2016. Bird ecosystem services: economic ornithology for the 21st century.

Whelan, C. J.; Wenny, D. G.; Marquis, R. J. 2008. Ecosystem services provided by birds. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1134, p. 25-60.

Whittaker, A.; Kirwan, G. M. 2008. Natural history data for the canopy-dwelling purpletuft *Iodopleura* (Cotingidae), and first documentation of Dusky Purpletuft *I. fusca* for Brazil. *Bull. B.O.C.* 128(1), p. 28-35.

Wiki Aves Colombia. 2022. https://www.icesi.edu.co/wiki_aves_colombia/tiki-index.php?page=Introduccion

Wikiaves – A Enciclopédia das aves do Brasil. Disponível em <www.wikiaves.com.br>

Wilman, H.; Belmaker, J.; Simpson, J.; de La Rosa, C.; Rivadeneira, M.; Jetz, W. 2014. EltonTraits 1.0: Species-Level Foraging Attributes of the World's Birds and Mammals. *Ecology*, 95(7), 2027p.



Bebê do gavião-real (*Harpya harpyja*) em 2018 na Serra Bonita - Foto: João Marcos Rosa



Jequitibá-rosa (*Cariniana legalis*) – Foto: Nira Fialho.

Redes Sociais

Facebook: Instituto Uiraçu, Serra Bonita

Instagram: @institutouiracu

Website: www.uiracu.org

Contatos



Av. dos Pioneiros, 312, sala (2º) 205,

E-mail: contato@uiracu.org

Telefone +55 (73) 3283-2117



Hospedagem

Reserva Serra Bonita

Estrada de Camacã – Jacareci - BA-662 Km 10

www.rsb.bio - lodging@rsb.bio

+55 (41) 99980-8080 (WhatsApp)



Pica-pau-amarelo (*Ceelus flavus*) – Foto: Brando Fernandes.



Jandaia-testa-vermelha (*Aratinga auricapillus*) – Foto: Chermont Pinheiro Braga.

Financiadores



Parceria



ISBN: 978-65-80261-34-5



CDL